



**Universidade Eduardo Mondlane**



**Faculdade de Letras e Ciências Sociais  
Departamento de sociologia**

**Trabalho de Fim de Curso**

**Título**

**Identidade Gay e Lésbica: estratégias e táticas usadas pelos homossexuais para contrapor o estigma e marginalização social na cidade de Maputo.**

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção do grau de licenciatura na Universidade Eduardo Mondlane

**Autor**

Sérgio Stélio Keita Nhassengo

**Supervisora**

Dra. Rehana Capurchande

Maputo, Junho de 2013

**Identidade Gay e Lésbica: estratégias e táticas usadas pelos homossexuais para  
contrapor o estigma e marginalização social na cidade de Maputo**

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção  
do grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane

**Sérgio Stélio Keita Nhassengo**

**Departamento de Sociologia  
Faculdade de Letras e Ciências Sociais  
Universidade Eduardo Mondlane**

Supervisora:

Dra. Rehana Capurchande

Maputo, Junho de 2013

O Júri

A Supervisora

O Presidente

O Oponente

.....

Maputo, Junho de 2013

**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE**

**FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS**

**Departamento de Sociologia**

**Título:**

**Identidade Gay e Lésbica: estratégias e táticas usadas pelos homossexuais para  
contrapor o estigma e marginalização social na cidade de Maputo**

**Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a  
obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane.**

**Autor:**

**Sérgio Stélio Keita Nhassengo**

**Supervisora:**

**Dra. Rehana Capurchande**

Maputo, Junho de 2013

## DECLARAÇÃO DE HONRA

Eu, Sérgio Stélio Keita Nhassengo, juro por minha honra que, este trabalho é da minha autoria e que nunca tinha sido anteriormente apresentado na sua essência.

Para a realização deste trabalho de licenciatura foram utilizados meios que se faz referência ao longo do mesmo, este resulta da minha investigação e das instruções transmitidas pela minha supervisora.

---

Sérgio Stélio Keita Nhassengo

A Supervisora \_\_\_\_\_

O Presidente \_\_\_\_\_

O Oponente \_\_\_\_\_

Maputo, Junho 2013

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta monografia, à minha família, Pedro Nhassengo Jr. e Maria Ivânia Afonso, aos meus irmãos, Pedro Kennedy e Deizy Mafana, que acompanharam a minha formação acadêmica, e a todos aqueles que são de alguma forma são estigmatizados, marginalizados e excluídos na sociedade.

Em especial à minha mãe pelo amor, benevolência e paciência que teve de educar e levar à escola.

## AGRADECIMENTOS

*“Dou-te graças, SENHOR, de todo o coração,  
na presença dos poderosos te hei-de louvar.  
Inclino-me voltado para o teu santo templo  
e louvarei o teu nome,  
pela tua bondade e pela tua fidelidade,  
porque foste mais além das tuas promessas.  
Quando te invoquei, atendeste e  
aumentaste as forças da minha alma.” (Salmos 138,1-3)*

Estou inteiramente grato pela ajuda que a minha Supervisora Dra. Rehana Capurchande me concedeu, nem sei se o inteiramente grato abarca o tamanho da minha gratidão por ser infinita. Ainda me lembro dos primeiros momentos em que começamos a trabalhar juntos para a elaboração desta monografia, em que eu tinha dificuldades de aplicar as recomendações dadas por ela, mas com a sua dedicação e paciência acabei me enquadrando. Agradeço também pelo apoio incondicional em alguns momentos desagradáveis que passei na academia. Mas o mais importante, a minha gratidão endereço pelos conhecimentos que me transmitiu e adquiri trabalhando com ela.

Agradeço aos Professores do Curso de Sociologia que contribuíram na minha educação e Formação, em especial ao Dr. Baltazar, Dra. Nair, Dr. Colaço, Dr. Cuinhane, Dr. Maurício; Dra. Judite, Dr. Neto, Dr. Nhampoca, Dra. Dinasalda, Dr. Domingos e Dr. Lucas Tsamba. Agradeço a estes docentes por terem participado na minha formação e pelo facto de serem fonte de inspiração e admiração.

Na estrada da vida nos cruzamos com varias pessoas mas apenas algumas tornam-se parte da nossa vida é neste sentido que agradeço aos meus colegas do curso de Sociologia 2009, em especial a Leonel Nhacudime, Constantino Nsolo, Amina Cadango, Liesse

Aissa. E aos membros do meu grupo de estudo que apelidamos carinhosamente como “grupo nazo”, Rafael de Moraes, José Nguenha, Dona Celestina e ao Faustino Guianba.

Especial agradecimento a Renalda Cabral Nhanala que para além de colega esteve sempre presente para apoiar-me e ajudar-me em todos os momentos, e agradeço a meus pais, aos meus irmãos e a tia Gisela pelo apoio incondicional e conselhos. A todos o meu muito obrigado.

Agradeço também à Lambda, Principalmente ao Dr. Guambe e aos homossexuais que colaboraram com as suas trajectórias de vida possibilitando a materialização e a originalidade desta obra. E a todos que directa ou indirectamente contribuíram para que este trabalho se tornasse realidade expresso os meus sinceros agradecimentos.

## **Resumo**

Este estudo analisa as estratégias e táticas usadas pelos homossexuais para contrapor a estigmatização e a marginalização social. Como objectivos específicos, o estudo procura compreender o processo de construção da identidade homossexual; perceber como é gerida e é feita a manipulação da identidade gay em espaços de sociabilidade heterossexual; Identificar espaços de sociabilidade gay e; analisar o processo de produção e reprodução da “cultura gay. Para tal, o estudo foi realizado na cidade de Maputo, precisamente na Associação Lambda, local onde para além de encontrarmos homossexuais, é um espaço de sociabilidade, interacção e de diversão.

Tivemos como suporte teórico, a abordagem de Estigma defendida por Goffman (1988), integrada na teoria de Interaccionismo Simbólico. Aliamos a este suporte a metodologia qualitativa, com base no método etnometodológico, abordagem hipotético-dedutiva, entrevistas semi-estruturadas e observação no campo de análise.

O nosso argumento partiu do pressuposto que a sociedade moçambicana tem como padrão normativo a heterossexualidade, e a homossexualidade não fazendo parte da norma aceite socialmente é considerada como comportamento desviante e assim os homossexuais são estigmatizados pela sociedade. Porém, estes indivíduos estigmatizados encontram alternativas para levarem seus desejos à prática e experimentam, regular ou não, relações sexuais e afectivas com pessoas do mesmo sexo.

Os resultados obtidos permitiram concluir que o estigma e a marginalização constituem barreiras sociais no processo de interacção, sendo assim, os homossexuais adoptam estratégias e táticas para contrapor o estigma e a marginalização social. Dentre as quais a auto-afirmação da identidade, encobrimento ou ocultamento, a manipulação da identidade, alinhamento intragrupal, criação de espaços de sociabilidades e redes sociais. Estas estratégias possibilitam com que os homossexuais façam uma gestão da sua identidade de acordo com o contexto ou espaço social em que estiverem inseridos, de modo a permitir o convívio social.

**Palavras-chave: Estigma, Marginalização, Identidade Gay e Lésbica, Estratégias e Táticas.**



## **ABSTRACT**

This study examines the strategies and tactics used by homosexuals to counteract stigmatization and social marginalization. As specific objectives, the study seeks to understand the construction process of homosexual identity; Understand how it is managed and is made manipulation of gay identity in heterosexual spaces of sociability; Identify spaces of sociability and gay; analyze the process of production and reproduction “ gay culture”. To this end, the study was conducted in Maputo, precisely at Lambda Association, where apart from finding homosexuals, is a space of sociability, interaction and entertainment.

We had theoretical support, the approach advocated by Stigma Goffman (1988), part of the theory of symbolic interactionism. We combine this support qualitative methodology, based on the method Ethnomethodology, hypothetical-deductive approach, semi-structured interviews and observation in the field of analysis.

Our argument has assumed that Mozambican society has as standard normative heterosexuality, homosexuality and not part of the accepted norm is considered socially deviant behavior and so homosexuals are stigmatized by society. However, these alternatives are stigmatized individuals to take their wishes into practice and experience, fair or not, sexual and emotional relationships with people of the same sex.

The results showed that stigma and marginalization are barriers in the process of social interaction, so homosexuals adopting strategies and tactics to counter stigma and social marginalization. Among which the self-assertion of identity, disguise or concealment, manipulation of identity, intragroup alignment, creating spaces of sociability and social networks.

These strategies allow homosexuals to do with management of their identity according to social context or space in which it is inserted, to enable social interaction.

**Keywords: Stigma, Marginalization, Gay and Lesbian Identity, Strategies and Tactics.**

## ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO .....	11
<b>CAPÍTULO 2: CONTEXTUALIZAÇÃO .....</b>	<b>14</b>
2.1 HISTÓRIA DA HOMOSSEXUALIDADE .....	14
<b>CAPÍTULO 3: REVISÃO DA LITERATURA .....</b>	<b>18</b>
3.1. PERSPECTIVAS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE .....	18
3.2. HIPÓTESE .....	25
3.3. VARIÁVEIS .....	25
<b>CAPÍTULO 4: ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL .....</b>	<b>26</b>
4.1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....	26
4.2. ENQUADRAMENTO DE CONCEPTUAL .....	30
4.3. MODELO DE ANÁLISE .....	34
<b>CAPÍTULO 5: QUADRO METODOLÓGICO .....</b>	<b>35</b>
5.1. METODOLOGIA .....	35
5.2. MÉTODO DE ABORDAGEM .....	35
5.3. MÉTODO DE PROCEDIMENTO .....	36
5.4. TÉCNICAS DE RECOLHA DE DADOS .....	37
5.5. A AMOSTRA .....	37
5.6. CONSTRANGIMENTOS DA PESQUISA .....	38
<b>CAPÍTULO 6: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>39</b>
6.1. PERFIL SÓCIO-DEMOGRÁFICO .....	39
6.2. DO CURSO DE VIDA À CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE “GAY” E “LÉSBICA” .....	40
6.3. LUGARES E NÃO LUGARES NAS RELAÇÕES QUOTIDIANAS ENTRE OS HOMOSSEXUAIS E OS “NORMAIS” .....	48
6.4. ESTRATÉGIAS E TÁCTICAS USADAS PELOS HOMOSSEXUAIS PARA CONTRAPOR O ESTIGMA .....	55
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>67</b>
BIBLIOGRAFIA .....	70
ANEXOS .....	76

## 1. INTRODUÇÃO

Esta monografia tem como tema “ *Identidade gay e lésbica: estratégias e táticas usadas pelos homossexuais para contrapor o estigma e marginalização social na cidade de Maputo*”. O objectivo geral desta monografia consiste em compreender as estratégias que os homossexuais usam no quotidiano para contrapor o estigma e a marginalização, nas diferentes interacções e espaços sociais heteronormativos.

Para o alcance deste objectivo geral consideramos relevante a definição de quatro objectivos específicos: Analisar o processo de construção da identidade homossexual; perceber como é gerida e é feita a manipulação da identidade gay e lésbica em espaços de sociabilidade heterossexual; identificar espaços de sociabilidade homossexual; analisar o processo de produção e reprodução da “cultura gay”.

O estudo foi realizado na cidade de Maputo, precisamente na *Comunidade Lambda*, uma associação moçambicana de defesa de minorias sexuais e compreende o ano de 2012. Importa referir que, a amostra abrangeu jovens com faixa etária entre os 18 e 35 anos, pois a associação é composta por jovens, e por ser nesta faixa etária que os homossexuais jovens, com menos experiência de lidar com o estigma, enfrentam situações em que o estigma e a marginalização se manifestam nas diferentes esferas sociais.

Deste modo, a preocupação deste estudo, é de compreender *as estratégias e táticas usadas pelos homossexuais para contrapor o estigma e a marginalização social, de modo a possibilitar a integração social e interacção social*. Esta preocupação é levantada porque o homossexual é discriminado, desqualificado, estigmatizado e é visto como “diminuído”, e “incapaz”, o que vezes sem conta causa-lhe traumas psico-sociais, perda de auto-estima, tornando-se difícil a sua integração na sociedade.

No que concerne a revisão bibliográfica, verificamos a necessidade de abordar sobre este tema, pois, apesar de haver uma ampla discussão e divulgação do tema nos meios de comunicação, seminários, e pela indústria cultural em geral, existem poucos trabalhos sociológicos a respeito da homossexualidade em Moçambique, destacando-se apenas

Bagnol (1996); Saete (2011); Manhique (2012) e Timbane (2012). Sendo necessário realizar-se pesquisas para compreender, por exemplo, como estas minorias sexuais estabelecem relações sociais numa sociedade heteronormativa, entre vários aspectos. Os estudos sociológicos na área da sexualidade limitam-se em temas sobre género e direitos sexuais e reprodutivos, deixando à margem questões como identidades sexuais, minorias sexuais, discriminação das identidades sexuais, moral sexual, etc.

Consideramos relevante a análise da homossexualidade a nível das identidades, pois as identidades são sobretudo representações de quem e do que somos, elementos centrais na forma como interagimos com os outros e definimos estratégias de acção. Este tema torna-se também pertinente na medida em que serão desconstruídas um conjunto de ideias apoiadas no senso comum e abordagens científicas em torno da homossexualidade.

É relevante para a sociologia, na medida em que, poderá contribuir, para o incremento dos trabalhos empíricos que já existem em Moçambique e pelo facto de mostrar como os homossexuais, manipulam sua identidade de modo a ultrapassarem os obstáculos que enfrentam no quotidiano, por possuírem uma identidade estigmatizada.

O estudo revela-se também importante, uma vez que permite captar as dinâmicas sociais, compreender como são as interacções estabelecidas entre os indivíduos estigmatizados com os “normais”, bem como compreender como é que os indivíduos ou grupos minoritários considerados marginais desenvolvem suas acções conjuntas.

Esta monografia se apresenta como uma contribuição de natureza exploratória – pelo tema e pela abordagem - a esta área de pesquisa, para a compreensão das relações sociais que compõem a realidade em que vivemos, porém, não pretendemos sugerir conclusões finais.

Para uma melhor compreensão do fenómeno em estudo, a pesquisa foi sustentada teoricamente pelo estudo de Goffman (1988), precisamente na sua abordagem sobre o estigma, este permite mostrar conhecimentos na construção de acções e estratégias voltadas para um relacionamento interactivo entre os homossexuais e os ditos “normais”. O problema

teórico consiste em perceber como é que os homossexuais, portadores de uma identidade estigmatizada, estabelecem relações ou interagem socialmente com outros indivíduos.

Esta abordagem dá-nos ferramentas suficientes para perceber o fenómeno da homossexualidade na cidade de Maputo, as razões da sua marginalização e estigmatização. Garante-nos ainda, perceber como o estigma a que certos grupos sociais são vítimas pode interferir nas interacções sociais, levando a que estes grupos sejam rejeitados influenciando por conseguinte para a sua própria rejeição, isto é, escolhendo cuidadosamente indivíduos com quem se relacionar assim como espaços de frequência.

No que tange a metodologia, neste trabalho fizemos o uso do método etnometodológico, pois permitiu analisar os procedimentos que os indivíduos utilizam para levar a termo as diferentes operações que realizam em sua vida quotidiana, tais como: comunicar-se, tomar decisões e raciocinar. Foi empregue nesta pesquisa uma abordagem qualitativa o que implicou o uso da observação e de entrevistas semi-estruturadas. A análise dos dados de campo foi interpretada através dos conceitos, da revisão da literatura e do quadro teórico.

Por conseguinte, o trabalho será apresentado na seguinte sequência: o primeiro capítulo composto pela contextualização a nível diacrónico e sincrónico da homossexualidade. No segundo capítulo apresentamos revisão de literatura que consiste na apresentação e discussão das diferentes abordagens sobre a homossexualidade, formulação do problema, a pergunta de partida e a hipótese. O terceiro capítulo, é composto pelo enquadramento teórico e conceptual que sustenta o trabalho, ou seja, a teoria usada para análise do fenómeno estudado e os conceitos que se mostram centrais para o trabalho e sua operacionalização.

De seguida, no quarto capítulo, apresentamos a metodologia, buscando mostrar as técnicas usadas para execução do trabalho, as abordagens, os procedimentos e as técnicas de recolha de dados; o quinto capítulo, composto pela apresentação, análise e interpretação dos resultados; de seguida as considerações finais tendo em conta os objectivos e as hipóteses do trabalho e, por fim apresenta-se a bibliografia usada para dar suporte científico ao trabalho e os anexos.

## CAPITULO 2: CONTEXTUALIZAÇÃO

### 2.1 HISTÓRIA DA HOMOSSEXUALIDADE

Neste capítulo pretendemos analisar o fenómeno da homossexualidade ao longo da história, Esta contextualização possibilita-nos compreender a manifestação e a caracterização da homossexualidade em diferentes contextos e em diferentes épocas.

Ao longo da história da humanidade os aspectos individuais da homossexualidade foram admirados, tolerados ou condenados, de acordo com as normas sexuais vigentes nas diversas culturas e épocas em que ocorreram. O primeiro registo acerca da homossexualidade, segundo Guimarães (2009), data de 4500 anos antes de Cristo, ocorrendo entre Oros e Seti, na sociedade egípcia. A homossexualidade sempre existiu, em todos os povos e nos mais diferentes *status* sociais. Podendo citar ainda, o Batalhão dos Amantes, um exército composto apenas por homossexuais na Grécia. Embora a história não tenha dado a devida atenção ao lesbianismo, podemos resgatar nessa mesma época a primeira e mais famosa lésbica da história, a Safos de Lesbos, daí o nome lesbianismo para se referir a homossexualidade feminina.

Porém, segundo Weeks (1999), embora a homossexualidade tenha existido em muitas sociedades, em todos tempos, só a partir do século XIX e nas sociedades industrializadas ocidentais, é que se desenvolveu a categoria homossexual distintiva e uma identidade a ela associada. Segundo este, as actividades homossexuais existiam de facto. Quando elas aconteciam, eram usualmente entre um adulto (que também tinha relações sexuais com mulheres) e um adolescente passivo. O adolescente, desde que adoptasse um papel de activo na vida adulta, não perdia o *status* de virilidade, mas caso mantiver o papel de passivo na vida adulta era estigmatizado. Segundo Silva (1999), os papéis activo e passivo consistem numa oposição binária baseada num esquema de dominação cuja cópula a fêmea é “tomada” pelo macho. Esse mesmo princípio se aplica as relações intermasculinas, onde o insertor ou introdutor é considerado activo e o receptor ou penetrado é passivo. Este padrão vigorou em muitas sociedades até o século XX.

No entanto, devido as transformações sócio-económicas e com o surgimento da classe média e alta no século XIX, esta diferenciação activo/passivo para definir a identidade homossexual é ultrapassada. Assim todos indivíduos que se relacionam com pessoas do mesmo sexo são considerados homossexuais. Devido a heteronormatividade os homossexuais eram discriminados e estigmatizados.

Porém, a partir dos anos 60 do século XXI, surgem movimentos de libertação do homossexual nos Estados Unidos e na Europa. De acordo com Castells (1999), três factores contribuíram para que iniciassem estes movimentos: primeiro foi o clima de rebelião imbuído nos movimentos da década 60, quando a auto-expressão e o questionamento da autoridade deram as pessoas a possibilidade de pensar o impensável e agir de acordo com as ideias que surgissem; o segundo factor foi o impacto do feminismo sobre o patriarcalismo, questionando a categoria mulher, e logo questionando a categoria homem; o terceiro e último tem haver com a violência da repressão exercida por uma sociedade que abomina o homossexualismo.

Para Fry (1983), grande parte das actividades dos movimentos homossexuais concentraram-se em discussões internas sobre a identidade homossexual nos chamados “grupos de identificação”. E até hoje esses movimentos desempenham um papel importante na libertação dos homossexuais.

Existem evidências de práticas homossexuais na tradição africana. Segundo Murray & Roscoe, "há provas substanciais de que as práticas homossexuais e padrões foram tradicional indígena" (Murray & Roscoe, 1998: 267). Na mesma ordem de ideias, Sousa (2009) salienta ainda que os povos africanos deram uma moldura institucional a homossexualidade, porém com a colonização e expansão do cristianismo, os europeus colonizaram as mentes africanas e envenenaram-nas com a homofobia. Razão pela qual a homossexualidade é marginalizada.

Murray & Roscoe (1998), identificaram no seu estudo a existência de práticas homossexuais entre mulheres nas culturas africanas, precisamente na região sul de África. Segundo estes autores, as relações entre as mulheres certamente existiu na África

tradicional negra, padrões de homossexualidade feminina é mais comum nas sociedades em que as mulheres fazem a maior contribuição para a subsistência, mesmo em sociedades patriarcais.

Segundo Castells (1999), as sociedades contemporâneas são heterogêneas, compostas por diferentes grupos humanos, interesses contrapostos, classes e identidades culturais em conflito. No âmbito da sexualidade, existe actualmente uma diversidade de identidades sexuais (gay, lésbica, travesti, heterossexual, etc.). E “a sexualidade é uma área simbólica e política activamente disputada, em que grupos lutam para a implementar plataformas sexuais e alterar modelos e ideologias sexuais”. (Vance, 1995, p. 15).

Em Moçambique, Bagnol (1996) documenta casos de atracção homo-erótico entre os mineiros, prisioneiros e atracção erótica entre adultos que mantém relações heterossexuais e paralelamente relações homossexuais contra pagamento. No que tange a práticas homossexuais dos mineiros, segundo a autora, este fenómeno é muito conhecido na província de Maputo. Não sendo considerada uma pratica local mas efectuada em Johannesburg, na África do Sul. “A homossexualidade entre os mineiros é considerado um comportamento transitório e circunstancial. Podendo no seu regresso, o mineiro ter relações com sua esposa ou procure uma mulher” (*Ibidem*, p. 22).

Segundo Bagnol (1996), o homoerotismo para os mineiros ou indígenas não era pecado e não estigmatizavam quem a praticasse. Porém, os dirigentes dos *componds* mantiveram o silêncio sobre estas práticas e por respeito aos missionários, condenavam 12 meses de prisão a qualquer pessoa que praticasse. Actualmente a prática da homossexualidade nas minas diminuiu significativamente, devido a maior liberdade de movimento e maior possibilidade de ter relações heterossexuais.

A actividade homossexual assinalada entre os prisioneiros, estabelece-se geralmente entre mais velhos e/ou mais ricos e os mais novos e/ou mais pobres, que assumem circunstancialmente o papel de género feminino, realizando algumas actividades em benefício do seu “protector”.



No nosso entender, as actividades homossexuais que decorrem entre os mineiros e entre prisioneiros podemos enquadrá-las, de acordo com Plumer (1975), na homossexualidade como actividade situada, que diz respeito a situação em que actividades homossexuais são regularmente mantidas, mas em que estas não se transformam em preferência dominante do indivíduo.

O nosso estudo não se centrará neste tipo de homossexualidade, mas sim, na homossexualidade como modo de vida, que se refere a indivíduos que assumiram a sua identidade homossexual e que, fazendo disso parte importante das suas vidas, se associam a outras pessoas com preferências sexuais idênticas, nas quais as actividades e práticas homossexuais são parte integrante de um estilo de vida.

A homossexualidade pode ser vista tanto como comportamento sexual e ainda como orientação sexual. Como comportamento compreende o repertório de experiências e práticas sexuais. Em circunstâncias em que os envolvidos não o fazem por livre escolha mas sim pela oportunidade ou não, quando se encontram privados do contacto com o oposto. E como orientação sexual, é o sentimento de atracção físico ou emocional de um indivíduo direccionado ao outro, independentemente de estar ou não privado do contacto com o outro.

## CAPÍTULO 3: REVISÃO DA LITERATURA

### 3.1. PERSPECTIVAS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE

Neste capítulo passamos a definir o nosso problema de investigação e, para tal iniciamos com uma revisão da literatura. A revisão da literatura deste trabalho versa sobre as discussões teóricas e pesquisas sobre a homossexualidade, abordadas por vários autores em diferentes campos científicos. Pretendemos com esta revisão identificar as dicotomias e as semelhanças entre as diversas perspectivas de estudo. Destacaremos quatro perspectivas, nomeadamente: *Médica* (Ülrichs, sd; Ribeiro, 1938; Krafft-Ebing, sd); *Psicológica* (Shinmon e tal, 2008; Freud, sd); *Antropológica* (Fry, 1982; Vance, 1995; Sousa, 2009) e *Sociológica* (Heilborn, 1996; Parker, 2000; Meneses, 2000).

*A primeira perspectiva de cariz médica:* o problema da homossexualidade começou a ser estudado por médicos e psiquiatras, interessados em descobrir suas causas a fim de que os juristas e sociólogos pudessem modificar as legislações existentes. Mas, segundo Fry e Macrae (1983), a partir do século XIX os médicos passaram a reivindicar a sua autoridade de falar sobre a sexualidade e são eles os agentes da gradual transformação da homossexualidade de “pecado” e “crime” para “doença”.

De acordo com Fry e Macrae (1983), os primeiros médicos que escreveram sobre relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo inventaram duas palavras sinónimas que são usadas ao se falar desse tipo de relações: o homossexual (criada por Benkert em 1986) e uranista (criada por Ülrichs 1860-90)

Ülrichs (sd), “descreve a condição do homossexualismo: uma alma feminina presa num corpo de um homem que expressa desejo e paixão apenas por homens viris” (*apud* Vieira, 2009: 491). Ou seja, para Ülrichs (sd) a homossexualidade era congénita e resultava de uma combinação anómala de traços masculinos e femininos num só corpo. Ülrichs inventou o termo urning (uranista) para se referir a pessoas com “uma alma feminina num corpo masculino”. Ele distinguiu: Mannling (heterossexual), que seria uma

pessoa totalmente masculina em aparência e personalidade; o Weibling (homossexual) que seria o efeminado; e o Zwischen-urnig (bissexual) que seria o intermédio.

Segundo Vieira (2009), para alguns sexólogos pioneiros, como Krafft-Ebing, o homossexualismo era uma patologia congénita ou uma mera perversão quando praticado por pessoas não uranistas, o homossexualismo tornou-se numa descrição médico-moral. Do ponto de vista da medicina não importa se um indivíduo adopta o sexo social apropriado ao sexo fisiológico, se ele pratica ou quer praticar actos sexuais com pessoas do mesmo sexo fisiológico “passiva” ou “activamente” ele é homossexual. Contudo, os médicos não se satisfizeram apenas em declarar a homossexualidade uma anomalia orgânica, como também introduziram a possibilidade de cura-la, ou seja, os homossexuais podiam ser sujeitos a tratamento médico pedagógico.

A ciência médica teve um papel político fundamental num nível mais subtil e profundo, pois, ela é grande responsável pelas noções que as classes médias urbanas têm a respeito da homossexualidade e heterossexualidade. (Fry e Macrae, 1983, p. 78).

A abordagem médica define a homossexualidade como algo de natureza biológica, limitando-se em explicar como causa da homossexualidade o defeito congénito ou desequilíbrios hormonais, para além de considera-la hereditário. Esta abordagem apresenta alguns problemas pois não consegue explicar por exemplo, situações em que certos indivíduos primeiramente mantêm relações heterossexuais estáveis mas depois de algum tempo envolvem-se com pessoas do mesmo sexo, ou o inverso, em que o indivíduo mantêm relações homossexuais na sua adolescência ou juventude mas que na fase adulta escolhe ter parceiros de sexo oposto.

As teorias médicas podem talvez um dia mostrar correlações entre cromossomas, hormonas e certos tipos de prazer sexual, mas nunca a identidade social do parceiro escolhido. A abordagem médica marginaliza os aspectos sociais, identitários e psicológicos do fenómeno.

*A segunda perspectiva refere-se a abordagem psicológica sobre a homossexualidade: os psicólogos trabalharam o tema da homossexualidade minimizando gradualmente a importância da distinção entre “actividade” e “passividade” entre os papéis de género feminino e masculino.*

Para Shinmon et al (2008), sendo a homossexualidade anatomicamente masculina e psiquicamente feminina, o termo sexo ganha duas dimensões: corporal e psíquica. Ou seja, “há um tipo de sexo inscrito no corpo e um inscrito na psique. Esta lógica permite justificar que um homem poderia desejar outro homem, porque o seu psiquismo funcionava de forma feminina” (*Ibidem*, p. 156).

De acordo com Valas (1999), na obra de Freud (1905) intitulada: *os três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. No primeiro ensaio: Aberrações sexuais, Freud considera a homossexualidade como sendo uma perversão. A homossexualidade caracteriza-se por uma inversão na escolha do objecto sexual, que se torna um parceiro do mesmo sexo. Existem vários tipos de inversão: ocasionais, anfígenas ou absolutas, que constituem uma série continua de variações e se determinam no curso de desenvolvimento, em função de factores, inatos ou ocasionais que tenham acarretado um distúrbio no desenvolvimento normal.

Segundo Freud (s/d), a homossexualidade é uma condição quase incurável, com quatro principais causas: a primeira seria a “fixação”, quando um indivíduo deixa de completar adequadamente todas as etapas do processo de amadurecimento permanecendo fixado a um deles. “A segunda causa seria o medo da castração, resultante do desejo infantil pela mãe e o medo de uma punição por parte de um pai ciumento” (Fry e Macrae, 1983, p. 72). Ou seja, segundo Shinmon e tal (2008), a homossexualidade seria como uma defesa do menino face ao medo da castração.

Na terceira teoria, Freud introduz o conceito de narcisismo, em que o homossexual procuraria um parceiro parecido consigo mesmo, pois inconscientemente, desejava amar a si mesmo. A quarta explicação de Freud, seria “a identificação com um dos pais do sexo oposto, o que levaria a criança a copiar a sua preferência sexual, alegava que isto

ocorria muito com meninos que tivessem mães dominadoras e pais ausentes” (Fry e Macrae, 1983, p.73).

Verificamos que a quarta explicação é uma reiteração da ideologia de que a família patriarcal é realmente saudável, ignorando a realidade da vida familiar em geral. Mesmo que o paradigma fosse válido, como poderíamos descobrir as causas da heterossexualidade.

O facto é que a homossexualidade é um fenómeno complexo submetido a um empuxo de forças e seria uma atitude extremamente radical eleger uma única possibilidade para o seu surgimento em lugar de uma mescla influência tal como os biomédicos e os psicólogos tentaram o fazer. Para além de terem tratado a homossexualidade como uma anomalia. Como afirma Foucault (2001):

“Nesse sentido, qualquer avaliação médica ou psiquiátrica das funções da reprodução está entrelaçada aos métodos de análise da anomalia. Em seguida, porque no interior do domínio constituído por essa anomalia, serão identificados os distúrbios característicos da anomalia sexual. A anomalia sexual mostra-se, primeiramente, como uma serie de casos particulares de anomalia” (*apud* Vieira, 2009, p. 494).

*A terceira perspectiva de cariz antropológica:* As abordagens antropológicas adoptam a perspectiva “modelo de influência cultural”. Esta perspectiva “ênfatiza o papel da cultura e do aprendizado na formação do comportamento e das atitudes sexuais, rejeitando formas óbvias de essencialismo e universalização” (Vance, 1995, p. 18). Assim, a cultura é vista como fonte de encorajamento o desencorajamento da expressão de actos, atitudes e relacionamentos sexuais genéricos.

Segundo o antropólogo Vance (1995), as culturas geram categorias, esquemas e rótulos muito diferentes para estruturar as experiências sexuais e afectivas. Essas construções não só influenciam a subjectividade e o comportamento individual, mas também organizam e

dão significado á experiência sexual colectiva através, por exemplo, do impacto das identidades, definições, ideologias e regulações sexuais.

Uma pesquisa realizada por Fry (1982), usando a perspectiva construtivista e o modelo da influência cultural, este autor pretende investigar a construção das categorias sociais que dizem respeito a sexualidade masculina no Brasil, numa tentativa de desfocar a discussão da homossexualidade do campo da medicina e da psicologia para coloca-la no campo da antropologia social.

Fry (1982), identifica um sistema de representações sobre a sexualidade na periferia de Belém (Brasil) em 1974, essas representações sexuais-afectivas baseiam-se nos papéis de género segregados e hierarquizados. Neste sistema cultural, o homem pode manter relações sexuais com pessoas do mesmo sexo sem com isso perder o seu *status* de homem, desde que assuma o papel activo na relação. E os que assumem o papel passivo são considerados desviantes. Este sistema assemelha-se ao modelo Grego descrito por Weeks (1999).

O segundo sistema de classificação das identidades sexuais masculinas, identificados por Fry (1982), no Brasil, surgiu na década 60 nas classes médias das cidades de Rio de Janeiro e São Paulo. A orientação sexual divide-se entre heterossexuais e homossexuais. “Neste novo sistema, o macho que se relaciona com outro macho, mesmo activamente, deixa de ser homem mesmo e vira homossexual” (*Ibidem*, p. 94).

Esta abordagem limita-se em conceber os comportamentos ou práticas sexuais como sendo determinadas pela cultura, e por conseguinte, individuo ser passivo. Ignora também, situações em que, em algumas cultuas mesmo tendo como padrão normativo a heterossexualidade, certos indivíduos mantêm relações afectivas com indivíduos do mesmo sexo, persistindo a estigmatização e marginalização do grupo cultural. Para além de que, estas normas culturais servem de obstáculo para as novas exigências individuais e sociais, uma vez que as sociedades contemporâneas defendem a liberdade de escolhas individuais e direitos igualitários entre os indivíduos.

*A quarta e última perspectiva refere-se a abordagem sociológica sobre a homossexualidade desenvolvidas por vários autores como Heilborn (1996), Parker (2000), Meneses (2000), etc.*

Heilborn (1996), centra-se na análise das mulheres homossexuais no Brasil, que pertencem a uma camada social média de perfil moderno. A autora define o mundo destas mulheres, como sendo um mundo onde se exprimem normas e comportamentos de valorização da singularidade e liberdade individuais, de afirmação da homossexualidade como um estilo de vida, e o abandono da coabitação como regra.

Conclui na sua pesquisa que embora essas mulheres mantenham relações sexuais ou amorosas com outras mulheres, a classificação do homossexual não é predominante em suas definições de vida. Mais ainda a própria dimensão da identidade sexual não se mostra encompassadora na constituição das suas identidades sociais. Ou seja, o facto de preferencialmente manterem relações sexuais com parceiros do mesmo sexo não significa que se definem como homossexuais. “A recusa da identidade gay por parte das mulheres homossexuais, é por se sentirem incomodadas em ver todas as dimensões de suas vidas explicadas pela sua sexualidade, e não quererem seguir um estilo de vida masculinizado ou lésbico”. (*Ibidem*, p. 140).

Neste sentido, Heilborn, chega a mesma conclusão que Parker (2000), segundo este, “não existe uma relação intrínseca entre comportamentos sexuais e identidades sexuais” (*Ibidem*, p. 35). Embora vários estudos fazem uma ligação automática entre orientação sexual e identidade sexual. Para Parker (2000), estes estudos demonstram ligações problemáticas entre comportamento, identidade e a formação das comunidades.

Meneses (2000), realizou uma pesquisa em Portugal, precisamente em Lisboa no bairro do Príncipe Real. A autora centra-se na análise de homens jovens, escolarizados, de classe média urbana, que se identificam como homossexuais face a sua orientação sexual. Meneses não faz uma ligação directa entre a orientação sexual e identidade social, nem ignora tal ligação. Para a autora a identidade social construída em torno da orientação sexual obedece um processo. A autora destaca os locais de sociabilidade pública

especificamente gay (bares e discotecas explicitamente *gay*), como sendo espaços que desempenham um papel importante na formação da identidade homossexual. É nestes locais que se constroem um discurso de diferenciação pela positiva, de oposição ao discurso da sociedade envolvente acerca da homossexualidade. Segundo a autora, estes espaços são também locais de resistência discursiva, de fronteiras de significação, locais de identificação (e auto-identificação) e de socialização de uma experiência considerada clandestina.

Devido a discriminação e o estigma muitos homossexuais (mesmo os que assumem publicamente a sua identidade) são obrigados a omitir a sua identidade. De acordo com Heilborn (1996), o local de trabalho, o bairro, a família, a igreja e outros espaços sociais heteronormativos, constituem esferas de afrontamento, em que muitas mulheres homossexuais optam pela manipulação e ocultação da sua orientação sexual. Nesta ordem de ideias, Meneses (2000), salienta que, uma boa parte da experiência quotidiana dos homossexuais, implica formas mais ou menos de ocultação ou omissão da orientação sexual, essa omissão é explicitamente sentida como uma forma de lidar com a homofobia, como uma gestão da marginalização sexual.

Os estudos sociológicos, reflectem a homossexualidade no âmbito das relações sociais. É de extrema importância reflectir-se também em Moçambique, mas olhar o fenómeno no âmbito das relações sociais pois, a homossexualidade é um fenómeno patente na sociedade, e é necessário realizar-se pesquisas sobre as percepções e compreender como estas minorias sexuais estabelecem relações sociais numa sociedade cujo padrão normativo é a heterossexualidade. É neste sentido que o presente trabalho se orienta.

O movimento *gay* surge em Moçambique com expressão pública em consequência dos movimentos de activistas em torno da questão do HIV/SIDA, violência doméstica (física e psicológica). Tal como noutros países esta identidade minoritária é marginalizada devido a hegemonia heterossexual que é o padrão construído como norma de orientação sexual, e ao surgirem outras orientações sexuais são consideradas como comportamentos desviantes. Sendo necessário adopção de estratégias para lidar ou superar o estigma de modo que possibilite a realização das interações sociais nos diversos espaços e



instituições (família, trabalho, escola, esferas de sociabilidade heterossexual). Assim, é importante questionar sobre, *quais as estratégias usadas pelos homossexuais para contrapor a marginalização e o estigma nas relações sociais no quotidiano?*

### **3.2. HIPÓTESE**

Dada a problemática, avançamos com a seguinte hipótese:

H1: Em função do contexto social (igreja, família, trabalho, grupos de pares, escola, entre outros espaços de sociabilidade) os homossexuais manipulam a sua identidade como estratégia de contrapor o estigma e a marginalização.

### **3.3. VARIÁVEIS**

Variável independente: Contexto social.

Variável dependente: Manipulação da identidade homossexual.

## **CAPITULO 4: ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL**

Esta etapa constitui a abordagem teórica e conceptual. A abordagem teórica é constituída pela teoria que sustenta o trabalho como um todo, assim, como serve de condicionador das técnicas e tipo de material informativo que será necessário para a pesquisa que versa sobre a homossexualidade. É por isso que o presente trabalho, adoptou como abordagem teórica, o interaccionismo simbólico. E a abordagem conceptual funda-se nos conceitos que irão sustentar o trabalho, nomeadamente: identidade, identidade gay, estigma, espaço social e cultura gay.

### **4.1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

Com o objectivo de compreender e explicar o fenómeno da homossexualidade abordado nesta pesquisa, usamos como base teórica o interaccionismo Simbólico, particularmente sob o prisma de Erving Goffman, na sua abordagem sobre o estigma, desenvolvida na sua obra *Stigma - Notes on the Management of spoiled Identity* publicado em 1963. Traduzido em português: Estigma – Notas Sobre a manipulação da Identidade Deteriorada.

Segundo Ferreira et al (1995), o interaccionismo simbólico é corrente sociológica desenvolvida nos Estados Unidos da América, a partir da Escola de Chicago, tendo a sua origem nos anos 20 na Universidade de Chicago. E é principalmente relevante para a microssociologia e a psicologia social. Mead foi um dos principais precursores desta perspectiva teórica. Mead inicia seu projecto colocando o conceito de *self*, como sendo, a capacidade de organização da sua própria experiência do mundo e da sua relação com os outros.

Para o interaccionismo simbólico, é com os símbolos e pelos símbolos que os indivíduos interagem e atribuem sentido a sua própria experiência e a experiência com os outros. De acordo com Boudon (1990), a originalidade do interaccionismo simbólico está no facto de considerar a acção recíproca dos seres humanos e os sinais que o tornam visível como o fenómeno social mais relevante.

O interaccionismo simbólico teve outros percursores como: Weber, Schutz, Hursel, Simmel, e Goffman.

Este trabalho centra suas atenções em Goffman (1988), pelo facto de o autor mostrar como a interacção entre indivíduos, em situação de co-presença física, o indivíduo exterioriza o seu universo simbólico, de forma a preservar a sua identidade, também pelo facto de reconhecer a importância da dimensão colectiva da acção social, mas não renuncia totalmente a ênfase na iniciativa contingente. E mais particularmente as atenções estarão voltadas para sua obra intitulada, “Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada”, onde aborda aspectos relacionados, as marcas vistas negativamente em relação aos aspectos corporais, raciais, ou mesmo de paixões tirânicas.

Para Goffman (1988), a sociedade estabelece os meios de categorizar os indivíduos e os atributos considerados como normais e naturais para os membros de cada uma dessas categorias. Mostrando que quando um atributo deprecia ele se torna um estigma. Aponta para a relação existente entre tais normas e as afirmações das identidades, sejam elas individuais ou sociais.

Segundo este autor, o estigma é um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. “Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade do outro, assim, um estigma é um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo” (*Ibidem*, p. 7). Tal como acontece com os indivíduos cuja orientação sexual é homossexual, são tidos como portadores de um estigma devido a heteronormatividade.

Goffman (2004), reconhece três categorias de estigma. A primeira, as abominações do corpo – as várias deformações físicas. A segunda – as culpas de carácter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou naturais, prisão, vicio, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, etc. E terceiro os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos membros de uma família. Porém, em todas as categorias encontramos as mesmas características sociológicas: um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na

relação social quotidiana possui um traço que pode se impor a atenção e afastar aqueles que ele encontra.

Segundo Goffman (1988), os indivíduos “normais” acreditam que alguém com estigma não seja completamente humano. E utilizam termos específicos de estigma como aleijado, retardado, bastardo, etc. No caso dos homossexuais, são também atribuídos termos pejorativos específicos como: boiola, biba, maricas, Maria-rapaz, etc. Aqueles que tem relações com o estigmatizado não conseguem lhe dar o respeito e a consideração que os aspectos não contaminados de sua da identidade social.

Na sua teoria, este autor ocupa-se especificamente com a questão dos “Contactos Mistos”, “que são os momentos em que os estigmatizados e os normais estão na mesma situação, ou seja, na presença física imediata um do outro, quer durante uma conversa, quer na presença simultânea em uma reunião informal.” (*Ibidem*, p. 14).

Tanto os estigmatizados e os normais ao preverem que podem estabelecer contactos uns com os outros podem esquematizar a vida de forma a evitar tais contactos. Esta situação pode trazer maiores consequências para os estigmatizados, pois com a falta de intercâmbio social quotidiano com os outros, o estigmatizado se auto-isola torna-se desconfiado, deprimido, hostil, ansioso, etc.

Os homossexuais podem também, devido ao estigma, tenderem a se isolar da maioria das pessoas heterossexuais, para não passarem por situações de discriminação e ou serem marginalizados. Porém, os indivíduos que partilham a mesma característica depreciada, podem formar grupos de pertença ou de identificação, estabelecendo um tipo de vida colectiva minimizando o isolamento. Como sustenta Goffman (1988) “os membros de uma categoria de estigma particular tendem a reunir-se em pequenos grupos sociais cujos membros derivam todos da mesma categoria” (*Ibidem*, p.23). Assim, uma categoria de estigma pode funcionar no sentido de favorecer entre seus membros as relações e formação de grupo.

Goffman (1988), salienta ainda que quando os normais e estigmatizados realmente se encontram e tentam manter uma conversação, é o momento em que ambos enfrentarão directamente as causas e efeitos do estigma. O estigmatizado pode descobrir que se sente inseguro em relação a maneira como os normais o identificarão e o receberão. Essa incerteza é ocasionada não só porque o indivíduo não sabe em qual das várias categorias ele será colocado mas também, quando a colocação é favorável.

Também, nos contactos mistos, é provável que o individuo estigmatizado sinta que está “em exibição” e controle sobre a impressão que está causando a extremos e áreas de conduta que supõe que os demais não alcançaram. Esta situação é também geralmente observada quando os homossexuais têm contactos com os “normais” nos diversos espaços sociais, em que os homossexuais para não serem estigmatizados ocultam a sua identidade.

De acordo com Goffman (1988), o individuo estigmatizado, durante a situação social mista, pode responder antecipadamente de forma defensiva e por vezes com agressividade. Em suma, a interacção *face-a-face* ou situações sociais mistas podem se tornar violentos e angustiantes.

Uma vez que o objecto de pesquisa é a análise das estratégias e táticas usadas pelos homossexuais para superar o estigma e a marginalização social, esta perspectiva teórica ira nos ajudar a compreender como se estabelecem as interacções mistas entre os homossexuais “estigmatizados” e os heterossexuais “normais”, quais as limitações existentes durante a interacção, as causas e as consequências do estigma.

Importa referir que o estigma é uma marca depreciativa, socialmente construída e não natural. Isso significa dizer que os atributos que são estigmatizados em uma sociedade, ou em um contexto específico, podem não o ser em outra, e o que é depreciado não é o estigma em si, mas o que ele representa.

## 4.2. ENQUADRAMENTO DE CONCEPTUAL

Propusemos a apresentar os conceitos analíticos que consideramos importantes na pesquisa, assim sendo são apresentados e definidos os conceitos: **identidade, identidade gay e lésbica, estigma, espaço social, cultura gay e estratégia.**

### Identidade

Para Pinto (1991), a produção das identidades sociais implica a imbricação de dois processos: processo de identificação, em que os indivíduos se integram em grupos maiores de pertença ou de referência; e o processo de identização, em que os indivíduos autonomizam-se e diferenciam-se socialmente, fixando em relação a outros indivíduos distancias e fronteiras. Ou seja, “as identidades sociais se constroem por integração e por diferenciação, com e contra, por exclusão e por inclusão...” (*Ibidem*, p. 219).

Numa outra perspectiva, Dubar (1997), afirma também que a produção das identidades implica a articulação de dois processos identitários heterogéneos, porem esses dois processos diferenciam-se dos trazidos por Pinto (1991), trata-se da *identidade para outro* que corresponde a actos de atribuição que visam definir *que tipo de homem/mulher você é*. Ao que pode se comparar com que Goffman (2004), chamou de identidade social virtual; e a *identidade para si* corresponde a actos de pertença que exprimem *que tipo de homem/mulher você quer ser*. Esta seria identidade social real segundo o mesmo autor.

O conceito de identidade possui várias definições, mas é consensual em sociologia que as identidades são socialmente construídas. Mas neste trabalho iremo-nos basear na definição de Pinto (1991), pois vai de encontro com as pretensões do nosso estudo, uma vez que os homossexuais se identificam segundo a sua orientação sexual diferenciando-se socialmente e estabelecendo fronteiras em relação a heteronormatividade. Para além de que, os homossexuais tendem a se integrar em grupos de referência ou de pertença, de modo a fortalecer a sua expressão identitária. A identidade homossexual tem, pelo menos, duas dimensões: a de como o indivíduo se reconhece (e se identifica com seus iguais) e a de como o indivíduo é visto pela sociedade (e se contrapõe aos grupos diferentes do seu).

## **Identidade gay e lésbica**

A identidade serve não só como fonte de classificação, mas também de avaliação por parte das outras pessoas e a sua avaliação ou revelação depende do contexto. Um indivíduo que se identifica como gay ou lésbica, activa sua identidade numa situação específica, como num grupo de identificação ou uma subcultura gay, e pode deixar a sua identidade oculta em outras situações. Assim, para Cass & Troiden (1984) “a identidade homossexual se refere a percepção que o indivíduo tem de si como homossexual em uma determinada situação social” (*apud* pereira, 2009, p. 43).

Neste estudo consideramos identidade gay e identidade lésbica, como sendo uma característica determinante ou definidora para certas escolhas de estilo de vida. Estas escolhas podem incluir a forma de vestir, adopção de certo tipo de comportamento, gestos, forma de andar, atitudes, etc. Feminizados ou masculinizados segundo a orientação sexual. Este estudo filia-se também à visão da identidade gay e lésbica referida a um “processo de construção de significado com base em um atributo, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, no qual prevalecem sobre outras fontes de significado” (Castells, 1999, p. 23). Ela pode ser combinada a outras formas de identidade, em harmonia ou em conflito, tanto por circunstância da autorrepresentação quanto da ação social.

## **Cultura gay**

Segundo Meneses (2000), designa-se “cultura gay” a partilha de níveis de significado particulares e por um estilo de vida que corresponde, mais do que a uma experiência homossexual, a uma vivência identitária traduzida na expressão «ser gay». Ser *gay* implica a prática de hábitos de sociabilidade e consumo diferenciados ou seja, a um estilo de vida específico.

A partir desta conceitualização trazida por esta autora, este estudo considera a cultura gay como um conjunto partilhado de símbolos, ideologias, valores e uma identidade comum. Onde os homossexuais buscam seu espaço e sua publicação através de mecanismos sociais, como a criação e a frequência de bares, discotecas e outros espaços explicitamente gays.

## **Estigma**

A sociedade constrói os padrões sociais de normalidade e estabelece os meios de categorizar e classificar as pessoas, assim como também estabelece os atributos considerados comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias.

“O indivíduo que carrega consigo um estigma é alguém cujo pertencimento a uma categoria social faz com que se questione sua plena humanidade: a pessoa é defeituosa aos olhos dos outros e não está habilitada para o convívio social” (Croker e Cols, 1998, p. 24). Tal como os homossexuais, devido a heteronormatividade, são considerados indivíduos com uma identidade depreciativa e são conseqüentemente estigmatizados pela sociedade, impondo-se assim barreiras para o convívio social.

Também é importante se destacar o fato de que o estigma é uma marca depreciativa, socialmente construída e não natural. Isso significa dizer que os atributos que são estigmatizados em uma sociedade, ou em um contexto específico, podem não o ser em outra, e o que é depreciado não é o estigma em si, mas o que ele representa. Nesta ordem Goffman (1988),

“Propõe que se perceba a estigmatização a partir de uma perspectiva interacionista, como uma forma de classificação social pela qual uma pessoa identifica a outra segundo certos atributos, selectivamente reconhecidos pelo sujeito clarificante, como positivos ou negativo. Aqueles que atendem aos atributos reconhecidos como positivos, constituem a categoria dos “normais”, os demais compõem a categoria de estigmatizados” (*Ibidem*, p. 6).

Desta forma, a concepção de estigma que adotaremos a baseia-se no caminho proposto por este autor, pelo qual considera o *estigma* como sendo um atributo psicológico ou físico, aparente ou não, que está relacionado a uma marca social de vergonha, depreciando o indivíduo no convívio social. Desta forma, acredita-se que as pessoas que têm um estigma particular tendem a ter experiências semelhantes de aprendizagem relativa à sua condição e a sofrer mudanças semelhantes na concepção do eu.



## **Espaço social**

De acordo com Fernandes (s/d), o espaço social é actualmente usado em sociologia para designar um campo de inter-relações sociais. Segundo este autor, todo o sistema de relações se inscrevem num espaço em que se associam estreitamente o lugar, o social e o cultural. Por seu turno, Bourdieu (1989), define espaço social é como um “campo de luta” onde os agentes sociais se definem pelas suas posições relativas. Ou seja, o espaço social é construído de tal modo que os agentes ou grupos são distribuídos em função de sua posição. Para este estudo adoptamos a posição trazida por Bourdieu (1989), uma vez que os indivíduos ou grupos homossexuais ocupam um lugar marginal no espaço social ou na sociedade, estes indivíduos ou grupos lutam para transformação deste mesmo espaço para reverter a sua posição através de processos de negociação e renegociação de poder simbólico.

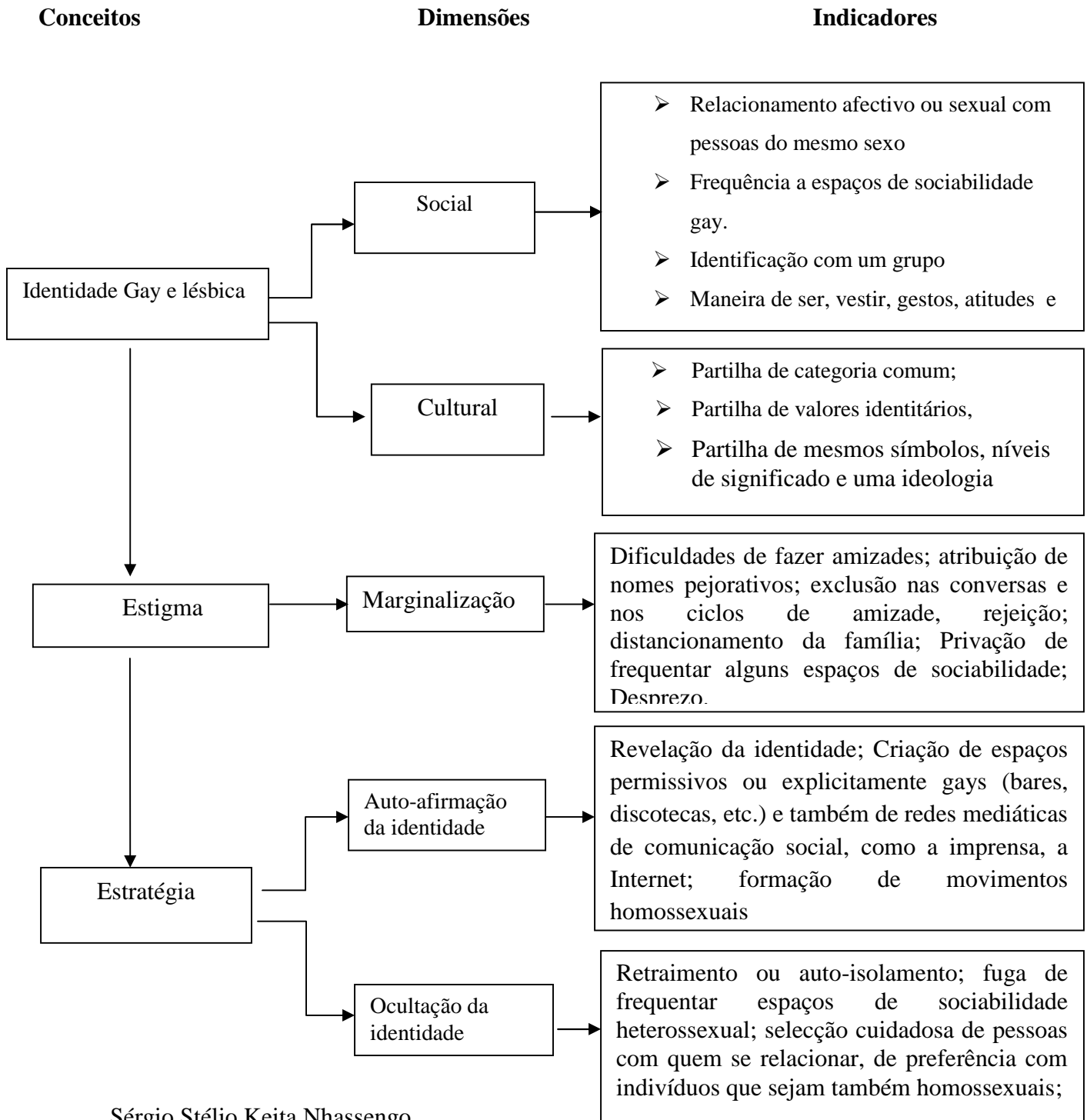
## **Estratégia**

Usamos o conceito de *estratégia* no sentido em que é definido por Cabral, “não enquanto decisões conscientes individuais, mas sim práticas sociais que surgem como resultado agregado do facto de que diferentes membros de um grupo social estão igualmente confrontados com contextos de acção semelhantes” (Carbral, 1996, p. 146). De modo geral a *estratégia* pressupõe uma organização do agir que consente a obtenção de determinados objectivos.

A *estratégia* possui neste estudo um duplo sentido, primeiro que, tendo origem numa posição de marginalidade, instituindo-se como forma de lidar com essa posição, exprime uma oposição explícita ao discurso hegemónico, e por outro lado, resulta no reposicionamento deste grupo de homens e mulheres (homossexuais) num lugar mais próximo da centralidade (heterossexualidade).

### 4.3. MODELO DE ANALISE

Para operacionalizar o nosso tema, construímos um modelo de análise, que “constitui um conjunto estruturado e coerente, composto por hipóteses e conceitos articulados entre si, de forma operacional, com marcos e pistas que são retirados da problemática para orientar o trabalho de observação e de análise” (Quivy e Campenhoudt, 1992, p.115). O nosso modelo apresenta-se da seguinte maneira:



## **CAPITULO 5: QUADRO METODOLÓGICO**

### **5.1. METODOLOGIA**

Recorremos inicialmente à revisão bibliográfica de pesquisas sobre a homossexualidade a nível internacional e no contexto nacional. A revisão bibliográfica subsidiou a contextualização do tema, a delimitação do problema, definição dos objectos, escolha dos elementos de pesquisa.

Para recolha de dados optamos pela abordagem qualitativa porque esta consiste em analisar significados, percepções que os indivíduos atribuem aos fenómenos. Entende-se por pesquisa qualitativa “aquela que é capaz de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos actos, às relações, e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas” (Minayo, 1996, p. 10).

### **5.2. MÉTODO DE ABORDAGEM**

O trabalho segue uma linha predominantemente qualitativa. Usamos o método indutivo, por ser um método que se ajusta as pretensões do trabalho, “o método indutivo é um processo mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas, e fundamenta-se em premissas” (Gil, 2008, p. 74).

No uso deste método, inicialmente recolhemos a informação sobre as percepções sobre a homossexualidade e as estratégias que os homossexuais usam ou adoptam para superar o estigma social, e de seguida realizamos a análise da informação. Procuramos por intermédio da análise, aproximar os factos com a finalidade de descobrir a realização constante existente entre eles, e finalmente generalizamos a relação encontrada na precedente, entre os fenómenos e os factos semelhantes, muitos dos quais ainda não observados.

### 5.3. MÉTODO DE PROCEDIMENTO

Neste trabalho fizemos o uso do método etnometodológico, pois permitiu analisar os procedimentos que os indivíduos utilizam para levar a termo as diferentes operações que realizam em sua vida quotidiana, tais como: comunicar-se, tomar decisões e raciocinar. A etnometodologia tem como seu principal marco fundador a publicação do livro “Estudos sobre Etnometodologia”, em 1967, de Harold Garfinkel.

Para a perspectiva etnometodologica, os indivíduos produzem os símbolos e códigos utilizados para estabelecer uma comunicação inteligível, interpretando as acções daquelas com quem estabelecem relação. Tais símbolos são reinventados e adaptados a cada novo encontro.

Segundo Guesser (2003), este método considera que cada indivíduo contribui singularmente na “construção” de seus processos de interacção com os demais agentes sociais, e seu esforço internaccional deve ser levado em conta no momento das análises, pois são eles os únicos capazes de revelar o “sentido das acções” empreendidas pelos agentes.

Este método defende que o pesquisador deve observar directamente o quotidiano das relações estabelecidas pelos actores sociais e procurar o sentido que eles dão a cada acto, no contexto em que se inserem, temporal e espacialmente.

Para o nosso estudo, este método nos ajudou a partir da observação directa e imediata entre os homossexuais e outros actores sociais, bem como as acções práticas dos homossexuais e o sentido que eles atribuem aos objectos, as situações onde se manifesta o estigma e a discriminação, aos símbolos que os cercam, pois é nesses pormenores que os actores constroem seu mundo social.

#### **5.4. TÉCNICAS DE RECOLHA DE DADOS**

A técnica utilizada para recolha de dados durante o trabalho de campo foi a entrevista semi-estruturada. Esta técnica permitiu-nos captar melhor as informações sobre os homossexuais e suas percepções. Contendo na primeira parte itens referentes à identificação social dos homossexuais e na segunda, questões relacionadas com as histórias de vida, na terceira parte temos questões ligadas as representações sociais nos diversos espaços de sociabilidade. As entrevistas foram realizadas individualmente, de modo a criar um ambiente de abertura para que as entrevistas fossem produtivas. Para o tratamento da informação recolhida adoptamos a análise de entrevistas.

#### **5.5. A AMOSTRA**

De acordo com Gil (1999), as pesquisas sociais de um modo geral abrangem um universo de elementos tão grande que se torna impossível considerá-los em sua totalidade. “É por essa razão que nestas pesquisas se usam amostras, ou seja, uma pequena parte dos elementos que compõem o universo” (*Ibidem*, p. 99). É neste âmbito que propomos este capítulo apresentar a amostra que usamos para fazer este trabalho assim como o método com que nos baseamos para determinar a nossa amostra.

Segundo Gil (1999), Existem no processo de amostragem dois métodos a considerar, os probabilísticos e não probabilísticos. O probabilístico exige que cada elemento da população tenha uma determinada probabilidade de ser seleccionada enquanto no não probabilístico, são amostragens em que há uma escolha deliberada dos elementos da amostra.

A nossa população abrangeu indivíduos da *Comunidade Lambda*, na cidade de Maputo, de onde retiramos a nossa amostra. Com base no método não probabilístico, particularmente pelo método de amostragem por acessibilidade. Segundo Vergara (2007), a amostra probabilística por acessibilidade é aquela que, longe de qualquer procedimento estatístico, selecciona elementos pela facilidade de acesso a eles. O uso desse tipo de amostragem não permite que sejam feitas quaisquer análises estatísticas ou generalizações, o que efetivamente não foi realizado, pois foi uma análise qualitativa.

Desta forma, a amostra abrangeu 20 homossexuais, dos quais 10 homens (gays) e 10 mulheres (lésbicas) com faixa etária entre os 18 e 35 anos.

Foi escolhida este tamanho da amostra por considerarmos um número de sujeitos que sejam essenciais, facilidade para se encontrar com as pessoas, tempo dos indivíduos para as entrevistas. Para Minayo (1996), a pesquisa qualitativa não se baseia no critério numérico para garantir a sua representatividade, mas sim, sustenta-se na vinculação dos sujeitos para o objecto a ser investigado.

## **5.6. CONSTRANGIMENTOS DA PESQUISA**

No decorrer da recolha de dados, houve constrangimentos enfrentados tanto pelo pesquisador, como pelos entrevistados de entre eles: a dificuldade de acesso aos entrevistados uma vez que as entrevistas decorreram em período laboral; dificuldades por parte dos entrevistados para falar sobre a sua sexualidade. Dificuldade para a autorização por parte da Lambda para a realização das entrevistas. Para ultrapassarmos estas dificuldades foi necessária paciência e persuadir os entrevistados a se sentirem confortáveis durante as entrevistas.

Apesar dos constrangimentos enfrentados pelo pesquisador, foi possível recolher dados relevantes para a presente pesquisa, os mesmos, serão apresentados e discutidos no capítulo que se segue.

## **CAPÍTULO 6: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Neste capítulo apresentamos e analisamos os dados de campo ou resultados, tendo em conta o nosso guião de entrevista. Para tal apresenta-se o perfil sócio-demográfico dos entrevistados; o curso de vida e a construção da identidade homossexual; Lugares e não lugares nas relações quotidianas entre os homossexuais e os “normais” e; Estratégias e Táticas usadas pelos e “gay” e “lésbica” para contrapor o estigma.

### **6.1. PERFIL SÓCIO-DEMOGRÁFICO**

Neste subcapítulo apresenta-se o perfil sócio-demográfico dos indivíduos entrevistados, numa amostra de 20 indivíduos, tomando como variáveis as seguintes: o sexo, orientação sexual, idade, profissão, bairro de residência, estado civil, nível de escolaridade e religião.

Como referimos anteriormente foram entrevistados 20 indivíduos, dez do sexo masculino que se autodefinem como gays e igual número de sexo feminino que se autodefinem como lésbicas, com idades compreendidas entre dezoito e trinta anos de idade. No que concerne ao nível de escolaridade, seis dos entrevistados possuem nível básico. Por sua vez, doze indivíduos afirmaram ter nível médio, em seguida dois indivíduos afirmaram possuir nível de bacharelato e grau de licenciatura respectivamente.

Quanto a actividade profissional realizada pelos nossos entrevistados, constatamos que há um número considerável de estudantes, com excepção a alguns que exercem trabalhos remunerados dos quais: um professor de dança, um balconista, uma bailarina e um contabilista. No que tange ao estado civil, dezanove entrevistados afirmaram ser solteiros e apenas um encontra-se vivendo maritalmente com uma pessoa do mesmo século.

Constatamos também que os entrevistados residem em bairros diferentes da cidade de Maputo e Matola. Por último, é preciso referir que a maioria dos entrevistados são da religião cristã, quatro não professam nenhuma religião e apenas um entrevistado professa a religião muçulmana.

Podemos concluir com os dados aqui apresentados que os entrevistados são indivíduos de origens sociais diferentes, uns vivem na zona urbana e outros nos arredores, alguns são trabalhadores e a maioria estudantes, são todos jovens mas com diferentes faixas etárias. Esta diversidade constituiu um elemento importante por possibilitar a recolha de informações e opiniões também diversificadas. No subcapítulo a seguir iremos analisar a partir das trajetórias sexuais e histórias de vida de que modo ocorre ou ocorreu o processo de descoberta, construção, assimilação e afirmação da identidade homossexual.

## **6.2. DO CURSO DE VIDA À CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE “GAY” E “LÉSBICA”**

Nesta secção pretendemos analisar a partir das histórias de vida como ocorre o processo de descoberta, construção, assimilação e afirmação da identidade homossexual. E é com base na história de vida que procuramos perceber dos nossos entrevistados como é que numa determinada fase da sua vida descobriram a sua orientação sexual e de que forma a orientação sexual assumiu-se central na formação da sua identidade pessoal.

O estudo constatou que a maior parte dos entrevistados desde criança já se sente diferente das outras crianças, por terem comportamentos atípicos relativamente ao género<sup>1</sup>, como ilustram as descrições abaixo referenciadas.

*“(...) Desde criança sempre fui diferente das outras crianças, brincava mais com meninas e não com homens. Aos 8 anos, já praticava sexo com homens mais velhos. O meu primeiro homem tinha 22 anos, era meu vizinho. Mas depois senti-me muito estranho, passei a evitar ter relações sexuais com ele, e pedi minha mãe para eu ir viver em casa da minha tia no alto-mãe, para ver se mudava de comportamento. Mas não adiantou nada. Só contei para minha mãe o que eu era quando já tinha 17 anos...”*

18 anos, Estudante do Instituto comercial de Maputo. *Gay.*

---

<sup>1</sup> Segundo Scott (1995), Género é tomado como um indicador das construções sociais, no que diz respeito às funções e atributos considerados próprios de homens e de mulheres, e ainda, como uma maneira de se referir às origens sociais das identidades subjectivas de homens e de mulheres.



*“(...) Na medida que fui crescendo, eu gostava de brincar com coisas de mulher e nunca gostei de brincar com coisas de homem. Com 13 anos tive a minha primeira relação sexual, foi com meu primo. Quando comecei a ter relações sexuais, vi que as pessoas iriam suspeitar e tentei esconder e tentei namorar com mulheres mas não gostei porque eram como amigas, mas fazia sacrifício para fazer minha parceira feliz...”* 19 ano, Estudante da Escola secundaria Estrela vermelha. *Gay.*

*“(...) Aos 11 anos já desconfiava, mas tinha duvida e pensei que era uma doença. As pessoas diziam que tenho voz fina. Aos 15 anos fui pesquisando e descobri que não era único. No princípio me sentia mal, porque meus amigos falavam de mulheres e eu era o único que gostava de homem, e nas brincadeiras evitava brincar com homens...”* 23 anos, Balconista do Banco de Moçambique. *Gay.*

Estas narrativas mostram que desde pequenos, os meninos que se autodefinem como gays já mostram inclinações e comportamentos “atípicos” do ponto de vista do género: já se sentem “diferentes” de seus companheiros, por serem mais “sensíveis”, se interessam pela arte e pelos estudos, e não por gostarem de actividades desportivas e competições atléticas. “A identidade gay, nesta perspectiva, é desenvolvida desde a infância, com a consciência incipiente de fantasias eróticas associadas a rapazes e homens, que se consolida na adolescência, por meio de actividades homossexuais” (Simões, 2003: 16).

Esta constatação também verifica-se no caso das meninas, que de acordo com Timbana (2012), a afirmação da identidade sexual das mulheres lésbicas é um processo que começa desde a infância. Através da inclinação para comportamentos e forma de vestir masculinizados, a preferência em actividades desportivas e de realizar brincadeiras de meninos, facto que leva as pessoas a chamarem-lhes desde criança de “Maria rapaz”<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Segundo Timbana (2012), “Maria- rapaz” refere-se à denominação que se usa em referência as mulheres que vestem roupas socialmente concebidas para “homens” e pelo facto de comportarem-se como homem ou praticarem futebol.

*“(...)Desde criança sempre gostei de brincar com meninos, vestir calções e camisetas, nunca gostei de cenas de pitas... chamavam-me de Maria rapaz, esse era o nome mais frequente na minha infância e nessa época sentia-me mal, mas eu só calava e deixava...fiquei sabendo o que eu era aos 13-14, que sentia atracão por mulheres. Nessa época eu sentia-me estranha, eu me perguntava, porque nasci assim, porque comigo e não com outra pessoa, foi uma fase difícil e confusa...”* 25 anos, Estudante da Escola Secundaria Eduardo Mondlane. *Lésbica*.

Por outro lado, segundo os depoimentos supracitados, encontramos similaridades no que concerne as etapas vividas pelos informantes, que podem ser enquadradas no modelo interacionista de quatro estágios trazida por Plummer (1983): sensibilização, significação e desorientação, revelação e subculturalização e estabilização. Sendo que cada estágio está associada a uma etapa de vida.

Segundo Plummer (1983), o estágio de sensibilização corresponde a determinadas experiencias vividas na infância, que dizem respeito a interesses, emoções e actividades (inclusive eróticas e genitais) consideradas inadequadas às expectativas de seus respectivos papéis de género. O estágio de significação e desorientação ocorreria durante a adolescência, quando os interesses e sentimentos passam a ser acentuados e avaliados em termos de sua relevância potencial para a consciência de si, de modo a gerar ansiedade e confusão.

Ainda na óptica deste autor, o estágio de revelação ou subculturalização, ocorreria tipicamente no meio ou no final da adolescência, quando os homossexuais começariam a estabelecer contactos com os outros que se autodefinem como homossexuais. O quarto e último estágio, corresponde à maturidade, em que o individuo se sentiria tranquilo e confortável com a própria homossexualidade de modo a se comprometer com ela como um modo de vida.

A diversidade de informação recolhida entre os nossos entrevistados permitiu verificar empiricamente como se processam estes estágios. Os entrevistados afirmaram ter passado

de um processo desde a descoberta até a maturidade. De acordo com eles, durante a infância sentiam-se diferentes, por terem emoções e realizarem actividades diferentes das outras pessoas, posteriormente, na adolescência começaram a pensar a possibilidade de serem homossexuais, os entrevistados declararam ser uma fase de conflito interno, incerteza, angústia, etc. Porém, após terem mais informação sobre a sua orientação sexual e terem mantido contactos ou convívio com outros homossexuais assumidos é que começaram a revelar-se ou assumir a sua identidade.

Segundo Plummer (1983), o último estágio corresponde o da maturidade, poucos dos nossos entrevistados encontram-se neste estágio de adopção da homossexualidade como modo de vida, pois segundo eles, para assumir a homossexualidade como modo de vida é necessário que estejam independentes economicamente, com casa própria, emprego, etc. A formação da identidade homossexual dá-se seguindo estes estágios, que com frequência ocorrem dentro de um contexto de estigma social, que afecta tanto a formação bem como a expressão da identidade.

No entanto, devemos ressaltar que no processo de desenvolvimento de uma identidade homossexual, estes estágios não são lineares, mutuamente exclusivos ou são percorridos por todas as pessoas da mesma forma. Os estágios representariam apenas o modelo dentro do qual existe enorme variação, tanto em termos de idade cronológica e à sequência dos estágios (estes podem ser pulados, fundir-se ou realizados em simultâneo).

Segundo Goffman (1988), a identidade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias. E como produto desses atributos, existiriam, portanto, dois tipos de identidade social: a Identidade social virtual e a identidade social real. Por identidade social virtual entende-se aquela imputada pela sociedade, de acordo com as categorias e atributos esperados por esta, enquanto a identidade social real diz respeito ao que o indivíduo efectivamente prova possuir. É nesta perspectiva de Goffman que analisamos a

construção da identidade homossexual, primeiro por meio da própria visão subjectiva<sup>3</sup> dos sujeitos sobre sua unicidade e suas fronteiras e posteriormente sob ponto de vista da identidade atribuída pela sociedade.

Uma das principais características que os nossos entrevistados assumem como constituinte da identidade homossexual está ligada a orientação sexual: o desejo de manter relações sexuais e afectivas com pessoas do mesmo sexo. E a preferência, no caso dos homens homossexuais, em usar o termo “gay” para serem designados. Pelo facto de traduzir todo comportamento sexual de forma não ofensiva, e representar a sua identidade sexual, emocional e afectiva por homens. E que segundo Manhice (2012), o termo “gay” também é usado como forma de reivindicar direitos de igualdade e tratamento relativamente aos heterossexuais.

Contudo, também foi possível captar dos nossos informantes, outros aspectos que constituem a identidade “gay” e “lésbica”, como o tipo de vestuário que preferem vestir, o modo de se comportar e atitudes que geralmente contrariam com o padrão heteronormativo. Sendo evidente o tratamento mutuo no feminino no meio “gay”. Segundo Meneses (2000), a efeminização ou masculinização de quem tem práticas homossexuais é usada pelo discurso hegemónico como forma de resolver a questão da existência de homens e mulheres que não correspondem ao modelo dominante de masculinidade e feminilidade. Correspondendo assim a uma forma de mediação simbólica da contradição entre formas de sexualidade minoritárias e o discurso de género dominante. Como ilustram as seguintes declarações:

*“(...) Eu sou gay, Sou uma pessoa ou sou um homem normal, a única diferença é que tenho atracção física e emocional por outro homem... Eu gosto de vestir roupa apertada porque chamo mais atenção, vestindo assim chamo mais atenção para ser conquistado. Outros gays que vestem roupa larga não são conquistados. O meu jeito de ser é feminizado, gosto de sentir-me mulher, a minha forma de falar e alguns gestos são*

---

<sup>3</sup> O conceito de subjectividade permite uma exploração dos sentimentos que estão envolvidos no processo de produção da identidade e do investimento pessoal que fazemos em posições específicas de identidade.

*afeminados, minhas amiga chamam-me de Ivone ... Acredito que gay que é gay, é assim*” 27 anos, Estudante do Colégio Abubakar. *Gay*.

*“(...) Nós gays temos nosso jeito de ser, tratamos por irmã ou amiga dependendo da intimidade. Minhas amigas próximas tratam-me por Gaby... Eu adoro vestir coisas da moda, tipo roupa apertada, colocar anéis, colares, essas coisas...”* 19 anos, Estudante da Escola Primaria Kurula. *Gay*.

*“(...) Ser lésbica é ser diferente de mundo mas igual de todos, e ter relações afectivas com mulheres do mesmo sexo como é o meu caso... As pessoas não percebem se sou homem ou mulher, mas a maioria das pessoas diz que sou homem por causa do meu jeito de ser, os gestos, a voz, os colares e anéis que uso que são masculinizados...”* 21 anos, Estudante da Escola Secundaria Francisco Manyanga. *Lésbica*.

Como podemos observar, os homossexuais usam um conjunto de artefactos para auto-identificarem e construir a identidade “gay” e “lésbica” através do uso da indumentária ou vestuário, uso da linguagem adoptando certos termos para se denominarem, por exemplo expressões “amiga”, “irmã” e “mana” no caso dos gays e; “bro”, “mano” no caso das lésbicas. A identidade homossexual apresenta no seu campo simbólico uma forma particular de se expressar, como gírias e o calão, que são próprias desse grupo, e que ajudam na definição da identidade desse grupo.

Observamos também a adopção de um estilo característico dos homossexuais. Segundo Maffesoli (1995), a maneira como nos apresentamos visualmente perante a sociedade, seja pela escolha de determinada postura, ou de determinado tipo de roupa, combinação de cores e modelos pode também ajudar a revelar um pouco da identidade de um indivíduo. No caso dos homossexuais é possível verificar algumas preferências por adopção de determinado estilo, não sendo possível generalizar. Mas é comum observarmos no caso dos gays uso de roupas mais justas, uso de cores vivas e também o

uso de maquilhagem. E no caso das lésbicas, o uso de roupas largas, calções, camisas e camisetas e em alguns casos frequentes o uso de cabelo dreadlocks.

Estes símbolos fazem parte da construção da identidade do indivíduo através da visão subjectiva dos sujeitos sobre sua unicidade e suas fronteiras. Segundo Pereira & Ayrosa (2007), quando o indivíduo ostenta objectos relacionados simbolicamente a algum grupo social, declara ser membro daquele grupo em contraste a outros grupos.

No entanto, a análise da identidade deve também incluir a maneira como a sociedade identifica os indivíduos de acordo com as categorias e atributos esperados por esta. De acordo com as informações que pudemos apurar dos nossos informantes, que embora definam pela positiva a sua identidade sexual homoerótico, a sociedade os identifica ou define em função dos atributos estereotipados do estigma.

*“(...) eu me revelo como homossexual e as pessoas na rua, dão-me nomes. E já recebi vários nomes tipo maricas, boiola, gay, etc... e não compreendem que nós homossexuais somos pessoas normais como outros heterossexuais, a única diferença é a preferência sexual...”* 18 anos, Estudante da Escola Eduardo Mondlane. *Gay*.

*“(...) Já recebi vários nomes, quase sempre recebo, dizem do tipo: boiola, gay, desperdício, essas coisas todas, um monte, e as vezes riem-se de mim mas nem me atinge muito, se ser gay fosse escolha eu não escolheria, não gosto de ser apontado o dedo na rua...”* 22 anos, Professor de Dança. *Gay*.

Como verificamos segundo os depoimentos, no processo de classificar ou identificar os homossexuais, a sociedade atribuí termos pejorativos específicos e palavras com determinados sentidos e significados para identificar e classificar os homossexuais, como ilustram as declarações dos nossos entrevistados. A luz do quadro teórico utilizado nesta pesquisa, aqueles que tem relações com o estigmatizado não conseguem lhe dar o respeito e a consideração que os aspectos não contaminados de sua da identidade social. Os indivíduos “normais” acreditam que alguém com estigma não seja completamente

humano. E utilizam termos específicos de estigma como aleijado, retardado, bastardo, etc.

A luz do nosso quadro teórico, um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem. Assim, a identidade homossexual torna-se uma identidade estigmatizada devido a heterossexualidade que é tida como norma. Segundo Weeks (1999), não são muitas pessoas de quem podemos ouvir as afirmações: “eu sou heterossexual”. Por ser a norma ou o pressuposto. Contudo, dizer “eu sou gay” ou “ eu sou lésbica” é uma identidade sexual que serve de apoio e oferece um sentido para assumir uma posição específica em relação aos códigos dominantes.

Articulando o conceito de identidade virtual e identidade real do sujeito, Goffman (1988) sublinha que, quanto mais discrepante for a diferença entre as duas identidades, mais acentuado o estigma; quanto mais visível a diferença entre o real e os atributos determinantes do social, mais se acentua a problemática do sujeito regido pela força do controle social. A discrepância entre as duas identidades é prejudicial para a identidade social; o sujeito assume uma posição isolada da sociedade ou de si mesmo e passa a ser uma pessoa desacreditada.

Contudo, importa referir que a identidade homossexual é apenas um aspecto da identidade destes indivíduos e que não podemos reduzi-los a penas a isso. E por outro lado, não significa que esta identidade seja omnipresente e regule todos aspectos da vida do sujeito, reduzindo-o à dimensão sexual da sua existência.

Segundo os dados de campo e análise feita, podemos concluir neste subcapítulo, que desde crianças, meninos e meninas homossexuais já revelam inclinações e comportamentos diferentes de outras crianças “normais”. Desde o tipo brincadeiras, actividades desportivas, modo de vestir, etc. Neste sentido, a construção da identidade “gay” e “lésbica” é desenvolvida desde a infância, pelo facto de se sentir diferente, seguindo por mais três etapas nomeadamente: confusão de identidade, auto-reconhecimento como homossexual na adolescência, por meio das actividades homossexuais e o comprometimento com a homossexualidade como modo de vida. No

entanto, a questão “sou homossexual” entra em confronto com as normas e valores socialmente aceites. Pois, a homossexualidade é identificada como o “outro” desqualificado ou possuidor de uma identidade estigmatizada.

Assim, a construção da identidade “gay” e “lésbica” é feita através da articulação entre duas transacções: uma transacção “interna” ao indivíduo e uma “externa” estabelecida entre o homossexual e outros indivíduos com os quais interage. Ou seja, não se pode assumir que existe uma identidade exclusiva destes indivíduos, mas um conjunto de termos para se classificarem e serem classificados dependendo do contexto e dos sujeitos envolvidos no processo de classificação. No subcapítulo a seguir discutiremos a problemática vivida pelos homossexuais, que é escolher entre assumir e ou ocultar a identidade homossexual perante a família, colegas de escola ou de trabalho e sociedade em geral.

### **6.3. LUGARES E NÃO LUGARES NAS RELAÇÕES QUOTIDIANAS ENTRE OS HOMOSSEXUAIS E OS “NORMAIS”**

Neste subcapítulo pretendemos analisar a influência do estigma que os homossexuais estão sujeitos nas suas relações sociais quotidianas com os “normais” e como esta marca depreciativa contribui para o preconceito, discriminação e marginalização dos mesmos. Para tal nos debruçamos a análise dos lugares e não lugares onde a estigmatização e marginalização se manifestam. Este propósito torna-se relevante na medida em que nos permite compreender o fenómeno de rejeição e exclusão social que os homossexuais estão a mercê por parte dos pais, família, amigos, colegas e pela sociedade em geral.

Durante o processo de recolha de dados de campo foi possível constatar que os entrevistados já sofreram ou sofrem atitudes estigmatizantes nas relações sociais por terem uma orientação sexual diferente da maioria e por se autodefinirem ou identificarem como homossexuais, como ilustram as declarações abaixo referenciadas:



*“(...) As pessoas me tratam mal e com desprezo em todos sítios onde vou, me olham de lado ou me expulsam, mandam piadinhas. Na Mesquita por exemplo, o assunto era eu e isso me incomodava...qualquer pessoa gosta de se sentir a vontade em qualquer sitio, minha vida seria mais fácil se eu fosse hetero<sup>4</sup>...” 24 Anos, Contabilista. Gay.*

*“(...) Ser homossexual é doloroso, as pessoas não sabem que eu não escolhi nascer assim, não entendem isso. O homossexual é uma pessoa normal tal como o heterossexual, a diferença é a orientação sexual e não vejo motivo de nós tratarem como se fossemos pessoas de outro planeta...” 20 anos, Estudante do colégio Rei de Maputo. Gay.*

Os depoimentos acima arrolados mostram a existência de comportamentos e atitudes estigmatizantes contra os homossexuais. Sendo comuns a negação por parte dos heterossexuais a presença legítima de homossexuais nos espaços sociais e públicos. De acordo com os entrevistados é comum expressões do tipo “aqui não é lugar para vocês”; “Não queremos pervertidos aqui”; “vai procurar tua turma” ou então chegando a casos de serem agredidos. Concordando com Tavares (s/d)<sup>5</sup>, as identidades sociais geram fronteiras simbólicas e delimitam espaços sociais. Se uma identidade existe outra está sendo negada, dependendo da perspectiva de ser identidade ou alteridade. Neste sentido, o encontro com *Outro* não gera a união, mas a separação, uma vez que este é uma diferença irreduzível do *Eu*. As expressões acima referidas podem se enquadrar na abordagem de Meneses (2000), que o estigma faz com que os heterossexuais estabeleçam fronteiras simbólicas de demarcação que tem também uma expressão territorial, dentro dos quais os homossexuais não fazem parte. O termo “território” nos remete para uma realidade espacial a qual se associa uma atribuição de sentidos culturais.

Nesta ordem de ideias, Elias e Scotson (2002) em *Estabelecidos e Outsiders*, diante de dois grupos diferentes de moradores de um bairro, nos falam sobre a estigmatização e

---

<sup>4</sup> Diminutivo de heterossexual.

<sup>5</sup> Título da Obra: “Reflexões Sobre Alteridade na Formação de Identidades Estigmatizadas”

discriminação daqueles que são considerados *outsiders*, ou “os de fora”. De acordo com os autores, o grupo estabelecido estigmatiza os outros de valor inferior, tratando-os como indivíduos que não se inserem no grupo. No contexto da homossexualidade podemos verificar, segundo os depoimentos, que os homossexuais sentem-se *outsiders* ou “de fora” da padronização social e são alvo de estigmatização e exclusão social. O homossexual possui a categoria de “nocivo”, fora do parâmetro que a sociedade toma como padrão. Importa referir que quando falamos de “indivíduo estigmatizado” estamos nos referindo a um papel social e não a características concretas, essenciais ou intrínsecas à determinados indivíduos.

Ainda de acordo com os nossos entrevistados, as atitudes estigmatizantes contra eles, são devido, na maioria das vezes, a falta de informação ou conhecimento sobre a homossexualidade. Ou seja, os estigmas surgem a partir das pré-noções que os indivíduos possuem sobre o assunto. Porém, segundo a nossa teoria de base, o estigma deve ser considerado como uma construção social e não individual, assim a sociedade no geral tem responsabilidade sobre ela. O estigma não se explica por si só, mas na relação social, dentro de um contexto.

Ainda fazendo análise dos depoimentos arrolados anteriormente e na trilha de Goffman, percebemos que os homossexuais tendem a ter as mesmas crenças sobre a identidade que a sociedade tem. Seus sentimentos sobre o que ele é confundem a sua sensação de ser uma “pessoa normal” como qualquer outro que merece um destino agradável e oportunidades legítimas.

Usando a abordagem de Sartre (1997), o estigma é um exemplo claro de que a identidade é relacional e constituída a partir do *Outro*. É através da presença do *Outro* que o indivíduo apreende sua subjectividade no mundo, o estigma permite a percepção da relação do indivíduo com algo que é exterior a si, o *Outro*. Segundo Hall (2001), a identidade surge não tanto da plenitude que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é *preenchida* a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nos imaginamos ser vistos por *outros*. O *Outro* revela o indivíduo e permite a apreensão plena das estruturas de seu ser, o que faz do *Eu* e do *Outro* estruturas

complementares, que não podem ser entendidas isoladamente. Assim, o estigma aparece como uma manifestação da consciência de ser para outrem, através da consciência daquilo que não se é.

No caso da homossexualidade, a identidade homossexual forma-se a partir das experiências e vivências vista pela óptica do seu defeito, neste caso, o homossexual forma sua identidade a partir da ideia de inferioridade, marginalidade e discriminação. A Identidade homossexual é construída em relação ao seu desvio, a forma como os *Outros* (a sociedade) o identificam.

Uma das consequências que os entrevistados têm sofrido com o estigma é a exclusão social do grupo de “normais” através da marginalização e isolamento a qual os homossexuais estão sujeitos. De acordo com eles, várias vezes têm sido excluídos nas conversas ou convívios sociais pois os “normais” não querem se misturar com os homossexuais sob o risco de serem também conotados como homossexuais ou de serem “contaminados”. Ou seja, o distanciamento e a rejeição a que os homossexuais são sujeitos, se explica pelo facto de “em certas circunstâncias, a identidade social daqueles com quem o indivíduo está acompanhado pode ser usada como fonte de informação sobre a sua própria identidade social, supondo-se que ele é o que os outros são” (Goffman, 1988, p. 43). Esta dificuldade de interacção social é sentida tanto na família bem como noutros espaços sociais.

Esta marginalização, de acordo com a teoria aqui aplicada, explica-se também pelo facto de a sociedade construir atributos e estereótipos de forma a apreender grupos de pessoas que tenham alguma característica que fuja da normalidade, e esta característica leva a que pessoas que estejam dentro de quadros normativos de conduta reduzam os seus contactos ou interacção social para com elas. Outrossim, estes estereótipos tendem a reduzir e inferiorizar as pessoas estigmatizadas como estragadas e que poderiam contaminar os outros.

Por um lado, não é só o homossexual com um atributo diferencial “vergonhoso” que sofre as consequências do estigma, também indirectamente, a família dos homossexuais sofre as consequências. Pois, a família por ser uma instituição social que detêm o poder

de controlo sobre os seus membros, de modo a obrigar que estes cumpram seus papéis sociais e respondam as expectativas da sociedade. Assim, uma vez que o homossexual está fora do controlo social<sup>6</sup>, a família sente-se culpada e envergonhada perante a sociedade. Como podemos observar nos depoimentos abaixo citados:

*“(...) Meu tio é muito chato e rigoroso, para ele eu sou uma vergonha, ele trazia mulheres em casa para tentar me enquadrar naquilo que é certo para ele, até tentei ficar com uma mulher para lhe agradar mas não deu certo. Hoje meu pai diz que só volto a ser filho dele quando eu me relacionar com mulheres...”* 24 Anos, Professor de Dança. Gay.

*“(...) Minha mãe e minha tia foram ao curandeiro para pedir que me mudassem, na noite do dia seguinte sonhei a fazer sexo com alguém e acordei com sangue no boxers e a partir daí já não passei a sentir prazer até hoje, não consigo ficar tesão com meu namorado só transo porque tenho que o fazer, já tentei tomar medicamentos mas não resulta, Acredito que essa situação tem haver com o trabalho daquele curandeiro...”* 23 Anos, Balconista. Lésbica.

*“(...) A minha família já está conformada com minha situação mas sei que o que mais lhes incomoda é quando ouvem comentários na rua tipo aquele é filho ou irmão daquele maricas...para meu irmão é do tipo sou uma decepção diante dos amigos, ele tentou me mudar mas foi em vão...”* 19 Anos, Estudante do ISTEAG. 1º Ano curso de Marketing e publicidade. Gay.

Segundo nossos entrevistados, a estigmatização e marginalização contra os homossexuais geralmente começa em casa ou na família. E muitas vezes a família despreparada para lidar com a situação envereda por caminho de negação e rejeição. A família do

---

<sup>6</sup> “Conjunto de sanções quer positivas quer negativas destinadas a assegurar a conformidade das condutas, as normas de orientação da acção para salvaguardar, entre os membros de uma colectividade, o denominador comum necessário à coesão e ao funcionamento dessa colectividade. Inversamente, têm por função desencorajar todas as diferentes formas de não-conformismo face às normas estabelecidas na colectividade” (Rocher, 1989, p. 51).

homossexual sente-se envergonhada perante a sociedade por ter um(a) filho(a) homossexual, e muitas vezes procura meios ou alternativas para corrigir o *desvio* do(a) filho(a) seja pela procura de clínicas psiquiátricas, instituições religiosas ou curandeiros. A maioria dos entrevistados afirmou ter sido expulso de casa após a família ter conhecimento da orientação do filho/a.

*“...Quando minha família descobriu que eu andava com mulheres, minha vida desabou porque eu sempre pensei que eles seriam os primeiros que iam me apoiar mas não pelo contrário, meu pai expulsou-me de casa e quando eu deixar de namorar com mulheres é que poderia regressar...”* 24 anos, estudante da Universidade Eduardo Mondlane. 4º Ano curso de Medicina. *Lésbica.*

*“Meus pais são separado, no princípio vivia com meu pai, um certo dia ele vasculhou minhas coisas tipo pegar meu telefone ler minhas mensagens e chamadas, foi ai que ele descobriu que eu tinha uma relação amorosa com um amigo meu que ele conhecia... nesse dia me expulsou de casa e disse que sou uma vergonha para ele, depois foi viver com minha mãe...”* 23 anos, Estudante da Escola Secundaria Eduardo Mondlane. *Gay.*

Percebemos dos nossos entrevistados que, inicialmente, eles costumam contar primeiramente, sobre a sua orientação sexual, para amigos/as, primos/as ou pessoas muito mais próximas do que comunicar directamente aos pais. Segundo Constanti (s/d)<sup>7</sup>, o medo de contar aos pais justifica-se pelo facto de ser uma revelação muito penosa e principalmente cercado pelo temor da rejeição. A rejeição acaba se confirmando quando os pais descobrem a orientação sexual desviante do filho/a.

De acordo com Modesto (2008), na maioria dos casos os filhos homossexuais se preparam durante anos para se revelarem aos pais. Sofrem, porque não gostariam de magoar seus pais, sentem medo de ser rejeitados, de perder o amor deles. Quando o/a

---

<sup>7</sup> Título da Obra: “Pais de Homossexuais: Etapas no Processo de Aceitação da Orientação Sexual Dos/as Filhos/as”

filho/a se revela para os pais ele/a sonha com um apoio imediato e incondicional dos pais, o que não ocorre.

Neto & Agnoletti (s/d)<sup>8</sup>, descrevem este processo de forma similar, segundo eles, a estigmatização contra os homossexuais geralmente se inicia no *lar*, culpas e acusações são trocadas entre pais atónitos e confusos, que, despreparados para lidar com uma questão delicada, muitas vezes enveredam por um caminho de negação e rejeição, ou partem para a desqualificação moral, castigos físicos e até a expulsão, isso quando a saída do lar já não é empreendida antes, como busca da liberdade e fuga da repressão.

Em geral, os pais vêem a homossexualidade do/a filho/a como algo muito estranho e inexplicável. Os pais olham para o/a filho/a e não reconhecem mais como sendo a mesma pessoa. O estigma desperta sensações negativas nos pais e os deixam envergonhados.

Neste subcapítulo podemos concluir que o estigma ao qual o homossexual está sujeito faz com que este não se sinta “completamente humano”, pois as pessoas vêem e o tratam assim. O homossexual é inferiorizado pela sociedade por possuir um atributo negativo. Notamos nos depoimentos que os homossexuais têm dificuldades em manter relações sócias normais com os outros, esta dificuldade de interação é devido ao estigma ao preconceito. Os “normais” não conseguem dar “respeito” e nem querem estabelecer uma relação de igualdade com os homossexuais.

Concluimos também que na maioria dos casos, os homossexuais estão submetidos à rejeição da família quando esta passa ter conhecimento sobre a orientação sexual do(a) filho(a). O estigma torna a identidade “gay” e “lésbica” uma identidade estigmatizada, o homossexual ao revelar sua identidade no seu dia-a-dia enfrenta durante as relações sociais comportamentos e atitudes estigmatizantes, discriminação, preconceito e a marginalização. No subcapítulo seguinte iremos analisar as estratégias e táticas usadas pelos homossexuais para contrapor o estigma e a marginalização social de modo a

---

<sup>8</sup> Título da Obra: “Dignidade Sexual e Diversidade Humana: A cidadania e respeito para lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT)”

estabelecerem interacções ou relações sociais e as estratégias para a afirmação da identidade gay e lésbica.

#### **6.4. ESTRATÉGIAS E TÁCTICAS USADAS PELOS HOMOSSEXUAIS PARA CONTRAPOR O ESTIGMA**

Neste subcapítulo procuraremos analisar através dos depoimentos dos entrevistados, as estratégias e táticas que os homossexuais adoptam de forma a contrapor o estigma e desta forma possibilitar a interacção e integração social. A gestão e a manipulação da identidade “gay” e “lésbica” constitui uma das estratégias mais adoptadas pelos homossexuais por nós inqueridos.

Segundo as informações obtidas com nossos entrevistados, constatámos que no dia-a-dia dos homossexuais, são conduzidos a ocultar ou omitir a sua orientação sexual em determinados espaços de sociabilidade heterossexual, como na família, na escola, no trabalho, etc. Como ilustram as declarações abaixo:

*“(...) Não revelo minha identidade na igreja, escondo porque o preconceito da igreja é mais doloroso, dói mais do que da rua, quando abrem a bíblia dizem coisas que não me agradam... Eu nunca gostei de visitar familiares ou parentes, evito frequentar estes espaços para não saberem, das poucas vezes que vou tento me comportar correctamente.*  
19 Anos Estudante da Escola Kurula. Gay.

*“(...) Eu tenho uma particularidade, diante dos meus amigos da lambda eu me assumo, mas fora, aqueles que não são gays ou lésbicas, não sabem eu escondo. Minha família, na minha associação e na escola ninguém sabe. Porque há certas coisas que não quero ouvir e não tenho peito para suportar.* 24 Anos, Bailarina. Lésbica.

*“(...) Sou assumido entre aspas porque existem sítios que não posso mostrar aquilo que eu sou realmente. Por exemplo na minha casa e na*

*escola não sabem que sou gay, porque escondo. Só assumo minha identidade quando estou com meus amigos próximos gays também e não para todo mundo...*” 25 Anos, Estudante da Escola Secundaria da Matola. Gay.

Destes três extractos de entrevistas, podemos constatar que o homossexual tende a omitir a sua identidade real passando-se por heterossexual, com objectivo de ocultar o seu estigma, de modo que possa manter relações sociais estáveis e harmoniosas. Os nossos entrevistados declararam que muitas vezes passam por situações em que são obrigados a esconder a sua identidade, geralmente em espaços como igreja, família, trabalho, etc. Esta situação faz com que tenham uma “vida dupla”, em determinados espaços transmitem uma imagem heterossexual e em outros espaços adoptam uma postura homossexual. De acordo com os entrevistados, a manipulação da identidade “gay” ou “lésbica”, possibilita que o estigma não interfira nas relações quotidianas.

Segundo Goffman (1988), os indivíduos que possuem um estigma desacreditável<sup>9</sup> tendem a manipular a informação a respeito dele. “A questão que se coloca não é a da manipulação da tensão gerada durante os contactos sociais e, sim, da manipulação da informação sobre o seu defeito. Exibi-lo ou oculta-lo; conta-lo ou não conta-lo; revela-lo ou esconde-lo; mentir ou não mentir; e em cada caso, para quem, como, quando e onde” (*Ibidem*, p. 51)

De acordo com a nossa teoria, o encobrimento refere-se ao facto do indivíduo estigmatizado esconder e manipular informações sobre sua verdadeira identidade, recebendo um tratamento baseado em falsas suposições a seu respeito. Para o nosso caso, o homossexual exerce um controle estratégico sobre sua identidade, com o intuito de que a sua identidade real não perturbe ou prejudique no convívio social. De acordo Santos & Fontes (1999), os homossexuais gerem sua identidade em articulação com os contextos espaciais em que se encontram. Assim, torna-se possível a manutenção de múltiplas identidades sexuais, manipuladas diferencialmente consoante o espaço considerado: em

---

<sup>9</sup> Goffman (1988) classifica os indivíduos estigmatizados como *desacreditados* ou *desacreditáveis*. O indivíduo *desacreditado* é aquele cujo estigma é logo visível ou já é conhecido por outros que o rodeiam. Enquanto o *desacreditáveis* é aquele com um estigma que não é imediatamente aparente e nem se tem dele um conhecimento prévio.



espaços de regulação, tais como a casa familiar ou local de trabalho, a identidade é preservada através da omissão, da cedência e do engano; em espaços de emancipação, tais como a casa pessoal, bares, festas gays ou grupos de identificação, a identidade é reforçada através da amizade, da partilha e do reconhecimento.

Segundo Meneses (2000), o ocultamento da identidade “gay” ou “lésbica” não é entendida apenas como uma reserva de privacidade, mas concretamente como uma forma de lidar com a estigmatização, o preconceito e a marginalização. Pudemos constatar algumas táticas usadas pelos homossexuais de modo a controlar informação sobre si, uma delas é contar aos amigos ou amigas que possui relações amorosas heterossexuais. No caso particular das lésbicas, devido a uma pressão podem elaborar mentiras para controlar a informação sobre si como por exemplo, em situações em que alguém descobre ou tenha conhecimento da sua orientação sexual, elas preferem dizer que são bissexuais e não lésbicas, pois, ao se assumirem como bissexuais não são tão estigmatizadas quanto quando afirmam ser lésbicas. Por se ter uma impressão de que o bissexual pertence à categoria de heterossexual. Segundo a nossa teoria, este fenómeno constitui um tipo de estratégia de encobrimento, em que o estigmatizado opta por apresentar signos de seu estigma como signos de um outro atributo que seja um estigma menos significativo.

Ao questionarmos os nossos entrevistados sobre as consequências do ocultamento ou manipulação da informação sobre o estigma da identidade homossexual, os mesmos referiram que o retraimento prejudica nas relações interpessoais, pois, com o medo de dizer ou fazer alguma coisa que revele a sua “verdadeira” identidade, o homossexual acaba se isolando dos contactos sociais, de modo a não estar constantemente atento à situações sociais que comprometam a sua identidade, assim, abdicam muitas vezes de aproveitar as coisas simples da vida.

Porém, por outro lado, outros homossexuais, optam por adoptar outras estratégias como revelar-se ou “sair do armário” e auto-afirmar a sua identidade, deixando de ser um indivíduo desacreditável (que precisa manipular sua informação) para transformar-se em desacreditado (que precisa manipular situações sociais difíceis).

Segundo Barreto (2008), é possível perceber que muitos homossexuais vêm optando por assumir e afirmar a sua identidade perante a sociedade, o que de certa forma contribui para que o tema seja desmistificado, levando-o para o debate público, o que pode levar consequentemente ao aumento da aceitação do indivíduo homossexual perante a sociedade, pois com isso a realidade homossexual vai se tornando mais próxima da realidade das outras pessoas.

De acordo com os informantes, a afirmação da identidade homossexual constitui uma estratégia para fazer face ao estigma e a marginalização social. Embora a exteriorização da orientação sexual seja resignada ao espaço privado, os nossos entrevistados não apresentam nenhum constrangimento em afirmar-se como “gays” ou “lésbicas” para a sociedade. Não só, a afirmação da identidade sexual é também uma questão política de desejos e de direitos iguais para os homossexuais, conforme demonstram os depoimentos abaixo:

*“(...) Eu sou homossexual assumido, não vejo nenhum problema em afirmar a minha orientação sexual ou identidade para os outros, só seremos reconhecidos quando dermos a cara, enquanto nos escondermos continuaremos a ser desprezados por isso acho mais do que justo eu me afirmar como gay (...)”*

*“(...) Em qualquer sitio em que eu vou ou esteja sempre afirmo a minha identidade, embora muitas vezes tenho entrado em confronto com pessoas ignorantes e preconceituosas que tentam me pôr em baixo, mas tenho orgulho do que sou e assumo o que sou (...)”*

*“(...) Seria muito bom que nós homossexuais assumíssemos o que somos em vez de nos escondermos no armário, prefiro revelar e afirmar minha identidade sexual e viver feliz a minha homossexualidade do que me esconder com medo das pessoas, embora que todos dias tenho que enfrentar situações constrangedoras por causa da minha orientação sexual (...)”*

Como podemos observar, no processo de afirmação da identidade homossexual, os homossexuais assumem a sua identidade sexual publicamente, embora muitas das vezes confrontam-se com os limites do que é considerado admissível do ponto de vista social, ou seja, confrontam-se durante os *contactos mistos*<sup>10</sup> com situações constringedoras e tensas, pois, nos espaços heteronormativos os “normais” tendem a ter atitudes negativas e não aceitam a sua presença.

Assim, uma forma de lidar com esta angústia, os homossexuais para além de afirmarem sua identidade respondem antecipadamente através de uma “capa defensiva”, geralmente expressa como agressividade, isto é, os homossexuais fazem questão de expor sua orientação sexual, mesmo em situações nas quais ela não é relevante. Como afirma Goffman (1988), “em vez de se retrair, o indivíduo estigmatizado pode tentar aproximar-se de contactos mistos com agressividade, mas isso pode provocar nos outros uma série de respostas desagradáveis” (*Ibidem*, p. 27).

De acordo com Santos & Fontes (1999), a exteriorização pública de uma identidade específica marca o momento de confronto entre nós e outros, no qual os contornos da fronteira se tornam menos confusos. Por outro lado, a afirmação da identidade homossexual é feita após a integração num grupo de referência, ou seja, num grupo de pessoas que partilham de uma identidade comum, formando assim uma identidade colectiva, caracterizada por um campo simbólico que define essa identidade e afirma a mesma perante a sociedade.

Santos & Fontes (1999), afirmam que quando tal exteriorização é feita de um modo colectivo, estamos perante a exibição de uma identidade partilhada e reconhecida pelos membros da comunidade, exibição essa que é performativa e destinada a transmitir imagens construídas consoantes com o que dela é esperada. De acordo com os nossos entrevistados, a integração na comunidade<sup>11</sup> ou Associação Lambda, constituiu um

---

<sup>10</sup> De acordo com Goffman (1988), refere-se aos momentos em que indivíduos estigmatizados e aqueles que não são estão na mesma situação social ou na presença física um do outro.

<sup>11</sup> De acordo com Kates (1998), a comunidade refere-se a um grupo de indivíduos que possuem um vínculo comum que os distingue de outros indivíduos. No caso da homossexualidade, a comunidade também implicaria em alguma espécie de identidade compartilhada.

importante passo no processo de revelação e afirmação da “gay” ou “lésbica” perante a sociedade, como podemos constatar nas declarações abaixo:

*“(...) A Lambda é a minha segunda casa, aqui eu me sinto bem porque estou com outros gays como eu, posso me expressar, conversar a vontade... para eu conseguir me revelar é porque vi que não era gay sozinho, e na Lambda fui acolhido como um filho perdido (...)”* 18 Anos Estudante do Instituto Comercial de Maputo. *Gay.*

*“(...) A Lambda foi uma das fontes que me incentivou a sair do armário. Foi a partir dela que conheci outros gays e soube que o que eu sou não é uma doença, conheci o mundo gay... Posso acreditar que hoje sou mais informado de maneira que posso explicar o que sou e posso me auto defender e caso não consiga tenho a Lambda para me apoiar (...)”* 15 Anos, Estudante da Escola Secundaria Eduardo Mondlane. *Gay.*

*“(...) Quando tive a briga com meu pai depois que ele descobriu, entrei na Lambda, um amigo me levou até lá, me receberam e me aconselharam, hoje não me sinto isolado tenho com quem dividir os momentos bons e maus... Quanto mais pertencermos a Lambda mais haverá a chance de nós homossexuais ganharmos a nossa causa e quanto menos frequentarmos aqui não iremos a lugar nenhum (...)”* 23 Anos, Estudante 1º Ano de Contabilidade no IME Loff. *Gay.*

Como podemos verificar, muitos homossexuais antes de entrarem em contacto com um grupo de referência afirmativo (tal como uma comunidade homossexual, gay ou lésbica) e a modelos sociais que os ajudem no desenvolvimento de uma identidade sócio-sexual positiva, dificilmente assumem e conseqüentemente afirmam sua identidade perante a sociedade. De acordo com Gross (1996), muitos homossexuais que ainda não entraram em contacto com a comunidade gay possuem modelos profundamente estereotipado do que significa ser homossexual.

A integração na Associação Lambda, constituiu para os nossos entrevistados um momento marcante nas suas vidas, pois passaram de um estado de isolamento para um outro estado de pertencimento. A integração no grupo de referência, neste caso a Associação Lambda, significa em si uma estratégia de afirmação da identidade homossexual, pois dentro da associação desenvolvem uma consciência grupal positiva. Foi também perceptível nas declarações dos entrevistados uma abordagem política, ao referirem que os homossexuais através de um esforço colectivo, devem se organizar e lutar por mudanças sociais, pela igualdade entre os indivíduos independentemente da orientação sexual e pela não discriminação dos LGBTT (é o acrónimo de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgéneros. E é utilizado para identificar todas as orientações sexuais minoritárias e manifestações de identidades de género divergentes do sexo designado no nascimento).

Nesta ordem Goffman (1988), afirma que os estigmatizados tendem a agregarem-se em grupos de iguais onde procuram reivindicar determinadas posições ou privilégios na sociedade em função do estigma que carregam. Assim, o encontro com outros identificados como homossexuais e a concomitante adopção de uma perspectiva de valorização da homossexualidade e o nascimento do “orgulho identitário” dentro do grupo, emerge uma perspectiva de “nos” versus “eles”, em que os heterossexuais passam a ser o “outro desqualificado”.

Importa referenciar que a comunidade homossexual diferencia-se de outros tipos de comunidade (como de raças, etnias ou religiões), pois, segundo Nunan & Jablonski (2002), a comunidade homossexual tem como sua unidade base o indivíduo, pois este escolhe participar livremente nela.

Por outro lado, a Associação Lambda não só constitui um grupo de referência mas também constitui um espaço de sociabilidade, onde os homossexuais têm a possibilidade de relacionarem-se e de conviver entre si longe do controle da sociedade heterossexual. Contudo, os nossos entrevistados descreveram outras redes sociais ou de sociabilidade

homossexual<sup>12</sup> em que estes sentem-se livres para conversar ou expressar a sua sexualidade mesmo em face da discriminação e violência. Foram destacados bares, festas homossexuais organizadas pela Associação Lambda ou por algum membro, discotecas, palestras ou seminários organizados pela Lambda, entre outros.

*“(...) Estar na Lambda é muito bom porque converso com outras pessoas, apara alem do quê, aqui realizamos debates, assistimos filmes sobre a ver com a homossexualidade, participamos em palestras...Existem educadores de pares, que sensibilizam os gays ou lésbicas e a sociedade em matéria de prevenção...Mas também frequento discotecas e bares. Mas principalmente aqui na Lambda costumamos fazer eventos tipo festas, churrascos, etc. Em que participam muitos homossexuais (...)”* 25 Anos, Estudante da Escola Secundaria da Matola. *Gay.*

*“(...) A Lambda é como uma família para mim, aqui posso me expressar, conversar a vontade, fazemos debates sobre a homossexualidade, quando temos um problema recorremos a instituição...Frequento também discotecas, mas gosto de participar das festas organizadas pela Lambda, por serem festas para homossexuais, ai aproveitamos conhecer novas pessoas e fazer amizades(...)”* 21 Anos, Estudante da USTM, curso de direito. *Lésbica*

*“(...) Existem bares que de principio não são explicitamente para gays, mas com o tempo se transforma em um bar gay, porque as pessoas se convidam para frequentar o tal sítio, e o bar vira um encontro de gays, assim a pessoa quando sai de casa já sabe que vai encontrar pelo menos um gay, são estes espaços que tenho frequentado(...)”* 19 Anos, Estudante do ISTEg, curso de Marketing e Publicidade. *Gay.*

Existe uma preferência maioritária em relação à Lambda como um espaço de sociabilidade, de convívio e divertimento entre os homossexuais. Por ser um espaço

---

<sup>12</sup> De acordo com o termo espaço homossexual refere-se a lugares que possuem uma forte presença homossexual, podendo ser igualmente compreendido como uma manifestação física da comunidade gay ou lésbica.

aberto para a visibilidade dos homossexuais e que se sentem protegidos neste local. Para os nossos entrevistados a Lambda é um local de interacção que possibilita a troca ou partilha de experiências vividas no “mundo gay” e no “mundo heterossexual”.

Notamos também nas declarações acima que existem outros espaços mencionados pelos entrevistados, estes espaços ou lugares correspondem a bares, discotecas e principalmente festas homossexuais geralmente organizadas pela Lambda. Nesta óptica Jablonski (2002) afirma que os indivíduos homossexuais só podem ser eles mesmos (isto é, mostrar sua orientação sexual) em lugares específicos, geralmente aqueles voltados ao entretenimento, com tudo o que isto implica de limitação e artificialidade.

Verificamos assim, que a criação de espaços de sociabilidade e a existência de redes sociais de homossexuais reflecte uma acção estratégica do indivíduo ou grupo homossexual, com objectivo de contrapor a hegemonia dos espaços heteronormativos. Como afirma Costa (1994), os homossexuais criam pontos de encontro onde podem conviver mais livremente, como bares, saunas, clubes ou entre grupos de amigos, distante do controle da heteronormatividade. Tomando como referência o nosso quadro teórico, podemos afirmar que o homossexual que participa destes espaços segregados sente-se a vontade entre indivíduos similares estigmatizados, ao mesmo tempo em que pode descobrir que pessoas conhecidas (que ela não considerava homossexuais) na verdade o são.

Estes espaços constituem também, estratégias individuais dos homossexuais na construção de laços de amizade fortes, estratégias estas vistas como indispensáveis para que o homossexual possa fazer face as situações adversas do meio social. Segundo Manhice (2012), nestes diferentes espaços, estabelecem-se vínculos afectivos e sexuais duradouros e temporários entre eles, procuram-se exaltar os valores associados a homossexualidade. Meneses (2002), argumenta que nestes se procedem também uma elaboração discursiva colectiva de diferenciação pela positiva, de oposição ao discurso da sociedade envolvente acerca da homossexualidade.

No entanto, as redes sociais e os espaços de sociabilidade homossexual não se limitam às redes de amizade, bares, discotecas, festas, etc. São acima de tudo um conjunto de

instituições que representam um sentimento de valores compartilhados ou a uma subcultura<sup>13</sup> homossexual e a uma vontade de afirmar uma identidade homossexual. A subcultura homossexual pode ser entendida como uma forma de resistência à heteronormatividade, na qual contradições e objecções à ideologia dominante são simbolicamente representadas através de um determinado estilo de vida ou uso de objectos materiais de consumo.

Foi perceptível o uso da internet ou das redes sociais virtuais, entre os entrevistados, como espaços de sociabilidade. Em que, os nossos entrevistados descrevem as comunidades virtuais (exemplo facebook, twitter, badoo, orkuit, etc.) como espaços onde podem se comunicar e partilhar experiências com outros homossexuais. Como afirma Costa (2005), as comunidades virtuais<sup>14</sup> são como um estímulo à formação de inteligências colectivas, às quais os indivíduos podem recorrer para trocar ideais, conhecimento e informação sobre os seus problemas, dificuldades e carências. O que na maior parte dos casos não é possível fazer entre os mais “próximos”.

*“(...) com a internet podemos ter mais conhecimento, hoje vejo que ser homossexual não é doença e nem coisa do diabo, somos um grupo forte que lutamos pelos direitos, e as redes sociais são importante nesse processo porque trocamos experiências, muitas pessoas descobrem-se ali. Eu tenho meu grupo de amigos privados no facebook, conversamos, trocamos experiências, etc. (...)”* 23 Anos, Balconista, gay.

*“(...) Nas redes sociais passamos a conhecer muitos gays, de lá surgem parceiros, namorados ou casais. Por exemplo a minha actual namorada conheci no facebook...As redes sociais são uma vantagem, porque podemos*

---

<sup>13</sup> Para Freitas & Cols (1996), o conceito de subcultura sugere que uma prática cultural estaria acima das outras e que todos os indivíduos subscreveriam a esta cultura maior, que é autónoma em relação às múltiplas subculturas. Neste estudo, a formação da subcultura homossexual pode ser entendida como a partilha de significados, códigos, linguagens (gírias, calão, etc.), normas, valores e costumes homossexuais distintos da cultura heterossexual dominante.

<sup>14</sup> Comunidade virtual refere-se a um agregado de indivíduos no espaço virtual, ou, pode ser entendida como uma comunidade a qual Bauman (2001), chama de “estética”, uma comunidade sem compromissos de longo prazo, mais frágil, que é constituída por afecto, cumplicidade, desejo e busca.



*conviver e nos relacionar com outras pessoas, fazemos novas amizades. (...)*” 24 Anos, Bailarina, Lésbica.

*“(...)As redes sócias tem muita informação, acho que se não houvesse internet não sei o que seria de mim, eu não vivo sem internet, faço muitas amizades e abriu-me muitas portas...NO facebook e twitter fazemos muitas amizades, trocamos experiência, informamos aos outros sobre a homossexualidade, questões sobre género, sobre a Lambda (...)*” 19 Anos, Estudante da Escola Primaria de Kurula, gay.

As redes sociais, como podemos verificar, são um espaço em que os indivíduos querem se mostrar presentes, dar opinião, manifestar seus gostos, preferências, fazer amizades, etc. O homossexual que muitas vezes é isolado ou se auto-isola da sociedade, encontra nas redes sociais a possibilidade e o desejo de estabelecer novas relações sociais. Os homossexuais usam as redes sociais como espaços de sociabilidade, em que podem obter ou fornecer informações, trocar experiências, procurar parceiros, etc. Segundo Alonge (s/d)<sup>15</sup>, pode-se dizer ainda que as redes sociais virtuais são um maior espaço de homosociabilidade, no nível representativo e polifónico de discursos do movimento homossexual.

Nesta ordem de ideais, os sujeitos auto-denominados homossexuais se utilizam das redes sociais para estabelecer uma sociabilidade sobretudo no processo de diálogo e desabafo nos diários ocorrendo a gestão de uma identidade que passa a ser dizível neste processo de encontro com outros sujeitos cúmplices em sentimentos, desejos e anseios. Também, o espaço de homosociabilidade concretizado na internet cristaliza a auto-construção e auto-afirmação de identidades que comungam uma rede de simbolismos comuns dentro da constituição e consolidação do sentimento de pertencimento a tal comunidade.

Em nota conclusiva, destacamos neste subcapítulo as estratégias e táticas usadas pelos homossexuais para contrapor o estigma, os nossos entrevistados afirmaram a manipulação e ocultamento da identidade homossexual em determinados espaços sociais

---

<sup>15</sup> Título do Artigo: *Cultura gay e Midia: Auto afirmação identitária nos espaços da homocultura midiática*

heteronormativas como igreja, escola, família, trabalho, etc. Fazendo um controle de informação sobre sua identidade estigmatizada de modo a não prejudicar os contactos sociais. Porém, por outro lado, outros homossexuais, optam por adoptar outras estratégias como revelar-se ou “sair do armário” e auto-afirmar a sua identidade, deixando de ser um indivíduo desacreditável (que precisa manipular sua informação) para transformar-se em desacreditado (que precisa manipular situações sociais difíceis).

A afirmação ou auto-afirmação da identidade homossexual está ligada na maioria das vezes com o alinhamento intragrupal, ou seja, na maioria dos casos, o homossexual só atinge a fase de afirmar a sua identidade após ter contacto ou alinhar-se num grupo de referência, onde desenvolvem uma visão positiva da sua identidade contrária à da sociedade envolvente, longe de preconceitos, marginalização e estigmatização.

Identificamos ainda neste subcapítulo a criação estratégica de determinados espaços sociais que permitem a homossociabilidade, foram identificados bares, festas, churrascos e discotecas permissivos a livre expressão e afirmação da identidade gay ou lésbica, ressaltar que estes locais tornam-se espaços explicitamente gays e lésbicas devido a frequência regular de homossexuais nos mesmos locais. Foi descrito espaços sociais virtuais (caso de facebook, twitter, blogs, etc.) como sendo também espaços de homossociabilidade, em que são criados comunidades ou grupos fechados destinados para homossexuais, onde partilham informações, experiências, ideias, etc. No subcapítulo a seguir faremos as considerações finais do nosso trabalho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta monografia abordamos o fenómeno da homossexualidade na cidade de Maputo. Orientamos a nossa atenção para a captação das estratégias usadas pelos homossexuais para contrapor o estigma social e a marginalização nas diferentes interacções e espaços sociais. Procuramos compreender as estratégias que os homossexuais usam no quotidiano para contrapor o estigma e a marginalização, nas diferentes interacções e espaços sociais heteronormativos. Para o alcance deste objectivo geral consideramos relevante a definição de quatro objectivos específicos: Analisar o processo de construção da identidade homossexual; Perceber como é gerida e é feita a manipulação da identidade gay em espaços de sociabilidade heterossexual; Identificar espaços de sociabilidade gay e analisar o processo de produção e reprodução da “cultura gay”.

A realização deste trabalho levou a produção de informações sobre como é o quotidiano dos homossexuais e que tipo relações e interacções que estes matem uns com os outros, com a família, amigos, vizinhos e a sociedade em geral.

Com base nos elementos supracitados, foi possível chegarmos a resultados que vão de acordo com os objectivos por nós traçados nesta pesquisa. Observamos que a construção da identidade “gay” e “lésbica” obedecem um processo que começa na infância. Desde criança já se sentem diferentes das outras crianças, por terem comportamentos atípicos relativamente ao género.

A construção da identidade “gay” e “lésbica” é feita através da articulação entre duas transacções: uma transacção “interna” ao indivíduo (uso da indumentária ou vestuário específico, uso de uma linguagem específica e a adopção de determinado estilo, que os homossexuais definem pela positiva) e uma “externa” estabelecida entre o indivíduo e as instituições com os quais interage (a sociedade os identifica ou define em função dos atributos estereotipados do estigma).

Referir que a identidade “gay” ou “lésbica” é apenas um aspecto da identidade destes indivíduos e que não se pode reduzi-los apenas a isso. E por outro lado, não significa que

esta identidade esteja sempre presente e regule todos aspectos da vida social destes indivíduos.

É importante ressaltar que a sociedade cria um conjunto de mecanismos para controlar e regular o comportamento dos indivíduos em relação a sua sexualidade, e quando os indivíduos frustram as expectativas da heteronormatividade, relacionando-se com outros indivíduos do mesmo sexo, são estigmatizados e colocados a margem. Deste modo, foi possível captar as estratégias e táticas usadas pelos homossexuais para contrapor o estigma e estabelecerem relações sociais “estáveis” na sociedade. A gestão e manipulação da identidade “gay” e “lésbica” constitui uma das estratégias mais adotadas pelos homossexuais. Ao omitir a sua identidade real passando-se por heterossexual, o homossexual exerce um controle estratégico sobre sua identidade, com o intuito de que a sua identidade real não perturbe ou prejudique no convívio social.

No caso particular das mulheres homossexuais, afirmam que mantêm relações heterossexuais com objectivo satisfazer as expectativas dos pais, da família, etc. Mas que no entanto, elas matem relações homossexuais de forma oculta, o que as leva a assumir uma dupla identidade: heterossexual perante a sociedade e homossexual perante outros homossexuais. Referir que as lésbicas que entrevistamos preferem assumir-se como sendo bissexuais e não lésbicas, pois, ao se assumirem como bissexuais não são tão estigmatizadas quanto quando afirmam ser lésbicas.

Por outro lado, podemos inferir que alguns homossexuais optam actualmente por revelar-se ou “sair do armário” e auto-afirmar a sua identidade. A afirmação da identidade sexual pode ser compreendida como sendo uma questão política de desejos (de se mostrar como dono sujeito e dono de si mesmo e igual a qualquer um) e de reivindicação de direitos iguais para os homossexuais. A afirmação da identidade homossexual é feita na maior parte das vezes, após a integração num grupo de referência. A Associação Lambda, constituiu para os nossos informantes um importante passo no processo de revelação e afirmação da “gay” ou “lésbica” perante a sociedade. A Lambda é para eles um espaço de sociabilidade, diversão, convívio, interacção e um espaço onde sentem-se protegidos e tomam conhecimento dos seus direitos.

No entanto, no processo de afirmação pública da identidade “gay” ou “lésbica”, estes indivíduos deparam com situações de discriminação, preconceito e marginalização, pelo facto dos homossexuais serem tidos como desviantes e anormais.

Não consideramos completamente esgotado o assunto analisado, sendo necessárias novas abordagens sobre o fenómeno da homossexualidade em Moçambique. A primeira proposta para futuros estudos, seria estudar a homossexualidade no campo dos direitos humanos e em particular os sexuais; outra linha de investigação pode ser a análise das comunidades sexuais e movimentos LGBTTT, que são cada vez mais sonantes na sociedade moçambicana.

## **BIBLIOGRAFIA**

- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70 LDA, 1977.
- BOUDON, Raymond. *Dicionário de sociologia*. Lisboa: Publicações dom Quixote, 1990.
- CASTELLS, Manuel, *O Poder da Identidade*, São Paulo: Editora Paz e Terras, 1999.
- COSTA, Ronaldo P. *OS 11 sexos: as múltiplas faces da sexualidade humana*. São Paulo: Gente, 1994.
- CROKER, J. e Coles. *Social Stigma*. In: Gilbert, D. FISKE, S. *The Handbook of social psychology*, McGraw Hill, 1999. , v. 02, P. 504-553.
- DUBAR, Claud. *A socialização das Identidades Sociais*, Porto: Porto editora, 1997.
- DUBAR, Claud. *A socialização: Construção das Identidades social e profissionais*, Porto: Porto editora, 1997.
- ELIAS, Norberto. & SCOTSON, J. L. *Os estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zaharr, 2000.
- FERREIRA, Carvalho. Et al, *Sociologia*, Lisboa, Editora McGraw-hill, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade - A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- GERMOND, P. & de GRUCHY, S. *Aliens in the household of god*, Cape Town & Johannesburg: David Philip, 1997.
- GIDDENS, Anthony, *Sociologia*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 4ª edição, 2008.
- GIDDENS, Anthony, *Sociologia*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2ª edição, 2008.

GIL, António Carlos. *Métodos e Técnicas de pesquisa social*. 5ª ed.- São Paulo: Editora Atlas, 1999.

GIL, António Carlos, *Métodos e Técnicas de Pesquisa social*, São Paulo: Editora Atlas, 2008.

GOFFMAN, Erving. *Notas e Manipulação da identidade deteriorada*, São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.

GUIMARAES, Carmen Dora. *O Homossexual visto por entendidos*, Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural da pós-modernidade*, São Paulo: DP &A Editora, 10 edição, S/D.

MINAYO, Maria. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

MURRAY, Stephen & ROSCOE, Will. *Boy-Wives and Female-husband- studies in African homosexualities*. New York: Palgrave, 1998.

PARKER, Richard & BARBOSA, Regina. *Sexualidade pelo averso*. São Paulo: Editora 34, 1999.

PLUMMER, Kenneth, *Sexual Stigma: an interactive Account*, Londres: Routledge and Kegan paul. 1975.

QUIVY, Raymond & CAMPENHOUDT, Lucvan. *Manual de Investigação em ciências sócias*, Lisboa: Gradiva- Publicações, 2ª edição, 1998.

RIBEIRO, Leonídio. *Homossexualismo e Endocrinologia*, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1938.

RIOS, Roger. *Em defesa dos direitos sexuais*. Porto Alegre: Livraria do advogado, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Modernidade, Identidade e cultura de fronteira*. São Paulo: Revista sociológica USP, 994.

SARTRE, Jean-Paul. *O Ser e o nada*. 2º ed. Trad. Br. Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 1997.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Identidade e Diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes. 2000.

TESON, Nestor Eduardo. *Fenomenologia da homossexualidade masculina*. São Paulo: Edicon, 1989.

TRIVINOS, Augusto N. S. *Introdução a pesquisa em ciência sociais: Pesquisa qualitativa em educação*, São Paulo: Edição Atlas, 1987.

VALAS, Patrick, *Freud e a Perversão*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1990.

VERGARA, Sylvia Constant. *Projectos e Relatórios de Pesquisa em Administração*. 8ª Ed. São Paulo: Atlas, 2007.

## **Artigos**

ALONGE, Wagner. *Cultura Gay e Mídia: Auto-afirmação identitária nos espaços da homocultura mediática*, S/L, S/E, S/D.

ALONGE, Wagner. *A rede e o Ser: auto-afirmação identitária nos espaços da homocultura virtual*. São Paulo: UNESCOM, 2006.

ARTHUR, Maria. *Os homossexuais e direitos humanos*, in *Outras Vozes*, Maputo, Fevereiro de 2004. N° 6.

ATAIDE, Marlene A. & CASSAB, Latif A. *O adolescente homossexual e a construção da identidade*. S/L. S/E. 2010.

BAGNOL, Brigitte. *Diagnóstico da Orientação sexual em Maputo e Nampula*, Maputo, S/E, 1996.



BARRETO, Rafael C. V. *Diversidade e Preconceito: Identidade Homossexual em Ipanema*. Rio de Janeiro, S/E. 2008.

CALVITTI, Adilson, *Etnocentrismo e identidade sexual*, São Paulo. S/E. 2010.

CAVALEIRO, M. Cristina. *A escola em movimento: feminilidades homossexuais, identidades, pertencimento e exclusão*. São Paulo: Fundação Santo André. S/D.

CONSTANTIN, Neire Ivone F. P. *Pais de homossexuais: Etapas no processo de aceitação da orientação sexual dos/as Filhos/as*. S/L, S/E, S/D.

COSTA, Rogério. *Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência colectiva*. S/L, Interface-comunic, Saude, Educ, V. 9, n. 17, 2005

DA SILVA, V. Gonçalves, *Faca de Dois Gumes: percepções da bissexualidade masculina em João pessoa*. Paraíba: Universidade Federal da Paraíba. Campus I. 1999.

FRY, Peter & MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade?* São Paulo: Brasiliense, 1983.

GUESSER, Adalto. *A Etnometodologia e análise da conversação e da fala*. Revista electrónica dos pós-graduados em sociologia política da UFSC, S/L, 2003. P. 149-168.

GUIMARAES, Anderson F. P. *O desafio histórico de tornar-se um homem homossexual: um exercício de construção de identidades*. Bahia, Temas em psicologia, Vol. 17, n. 2, 2009.

HEILBORN, Maria Luiza. *Corpo, Sexualidade e género. In Feminino Masculino: Igualdade e diferença na Justiça*. Porto Alegre: editora Sulina, 1997, P. 47-57.

HEILBORN, Maria Luiza. *Ser ou Estar homossexual: dilemas de construção da identidade social*: In: PARKER, R ICHARD & Barbosa, Regina. *Sexualidade Brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 1996.

HEILBORN, Maria Luiza. *Fronteiras simbólicas: gênero, corpo e sexualidade*. Cadernos Cepia n°5, Rio de Janeiro, Gráfica JB. 2002.

LOPES, José R. de Lima. *O direito ao reconhecimento para gays e lésbicas*. Sur- revista, S/L. N° 2, 2005.

MENEZES, Inês. *Espaço Público, Vidas Privadas: identidade gay em Lisboa*. Lisboa: S/E. 1998.

NETO, José B. de Mello & AGNOLETI, Michelle B. *Dignidade Sexual e Diversidade Humana: cidadania e respeito para lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBTT)*, S/L, S/E, S/D.

NUNAN, Adriana & JABLONSKI, Bernardo. *Homossexualidade e Preconceito: aspectos da subcultura homossexual no Rio de Janeiro*. Arquivos Brasileiros de psicologia, V. 54, n. 1, 2002. P. 21-32.

PEREIRA, Henrique & LEAL, Isabel P. *A identidade (homo)sexual e os seus determinantes: Implicações para a saúde*. Lisboa, S/D. 2005.

PEREIRA, Bill & AYROSA, Eduardo A. *A identidade homossexual masculina: O consumo como forma de enfrentamento e resistência*. Recife: UFPE, 2007.

PINTO, José Madureira. *Considerações sobre a produção da identidade social*, Lisboa: S/E, 1991.

PLUMMER, Kenneth, *O tornar-se gay: identidades, ciclos de vida e estilos de vida no mundo homossexual masculino*, In: HART, J. e RICHARD, D. (1983). *Teoria e pratica da homossexualidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

RIOS, Luís Felipe. *Parceiros e Praticas sexuais de Jovens homossexuais no Rio de Janeiro*, Cader. Saúde Publica, Rio de Janeiro, 2003.

SANTOS, Ana C. & FONTES, Fernando. *Descobrimdo o Arco-íris: Identidades homossexuais em Portugal*. Lisboa, IV congresso português de sociologia. 1999.

SHINMON, Fabiana M., GUERRA, Siena S. & TASSIGNY, M. *Homossexualidade, psicanálise freudiana e pos-modernidade*, Fortaleza: Revista Humanidades, V. 23, 2008.

SIMÕES, Júlio Assis. *Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais*. São Paulo: S/E, S/D.

SOUSA, Francisco S. *Homossexuais procuram visibilidade em Moçambique*, Maputo: Agencia SIDA, 2009.

TAVARES, Hellen O. R. *Reflexões sobre alteridade na formação de identidades estigmatizadas*. S/L. S/E. S/D.

VANCE, Carlos S. *A Antropologia redescobre a sexualidade: Um comentário teórico*. In: PHYSIS-Revista de Saúde Colectiva. Volume 5, N° 1, 1995.

VECANTO, Anna Paula. *Confusões e Estereótipos: O ocultamento de diferenças na ênfase e semelhança entre transgênicos*. Cad. AEL, V. 10, n.18/19, 2003.

VIEIRA, L. Leila Fontes, *As Múltiplas Faces da Homossexualidade na obra freudiana*, Universidade de Fortaleza: Revista Mal-estar E Subjetividade, Vol. IX, Núm. 2, 2009, pp. 487-525.

WEEKS, Jeffrey. *O Corpo e a sexualidade*. In: LOURO, G. L. (org). *O Corpo educado*. Belo Horizonte: Autentica. 1999.

## **ANEXOS**

### **CONSENTIMENTO INFORMADO PARA ENTREVISTAS INDIVIDUAIS E SESSOES COM GRUPOS FOCAIS**

#### **Identificação do Investigador Principal**

Sérgio Stelio Keita Nhassengo, Estudante do Curso de Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane, Faculdade de Letras e Ciências Sociais- Departamento de Sociologia. É investigador principal do estudo sobre *“Identidade Gay e lésbica: Estratégias e Táticas usadas pelos homossexuais para contrapor o estigma e marginalização social na cidade de Maputo”*

#### **Objectivos da Pesquisa**

Este estudo tem como objectivo analisar e compreender as estratégias e táticas que os homossexuais usam no quotidiano para contrapor o estigma e a marginalização, nas diferentes interacções e espaços sociais heteronormativos.

Se aceitar participar será aplicado um questionário com perguntas sobre os seus dados sócio-demográficos como: idade, grau de escolaridade, profissão, etc. Sem incluir o seu nome, mais ainda procuraremos saber sobre a sua orientação e comportamento sexual, e que implicações o estigma tem na suas relações rotineiras.

#### **Benefício**

Este estudo não tem fins lucrativos, a sua participação vai ajudar a compreender melhor as relações sociais entre indivíduos estigmatizados (homossexuais) e os estigmatizantes (heterossexuais que constituem a maior na sociedade), e como os homossexuais conseguem manter essas relações sem colocar em causa a sua identidade.

#### **Riscos e desconfortos**

A questão da homossexualidade constitui um comportamento estigmatizado pela sociedade e muitas vezes os podem se sentir desconfortáveis para falar sobre este assunto.

Desejamos que se sinta a vontade durante a entrevista e lhe garantimos que a informação servirá somente para o estudo e não será usada para fins alheios a esta pesquisa.

### **Direito de recusar e de se retirar**

A sua participação nesta pesquisa é puramente voluntária. Estando livre de responder as perguntas, e caso não queira responder a uma determinada pergunta, simplesmente informa e passaremos para outra. Pode desistir de participar no estudo em qualquer momento que deseje sem nenhuma consequência.

Com sua permissão gostaria de gravar esta entrevista usando o aparelho gravador.

### **Confidencialidade**

Todas as respostas e sugestões, resultado de análises serão guardadas confidencialmente. As informações colhidas durante a sua entrevista não vão ser vistas por ninguém além do pesquisador e equipe de supervisão. A qualquer momento que deseje qualquer informação sobre a pesquisa ou sobre os resultados pode contactar o investigador principal.

---

---

### **Certificado de consentimento**

Eu fui convidado/a a participar no estudo sobre “*Identidade Gay: Estratégias e Táticas usadas pelos homossexuais para contrapor o estigma e marginalização social na cidade de Maputo*”. Eu tive a oportunidade de fazer perguntas e estas foram respondidas de maneira satisfatória. Eu concordo em participar voluntariamente no Estudo e compreendo que tenho direito de me retirar a qualquer momento sem consequências sobre mim, e de não aceitar ser fotografado.

Assinado (investigador)

Rubrica/impressão digital do (entrevistado/a)

---

---

## Folha de informação do participante

Código do Entrevistado

Sexo\_\_\_\_\_

Idade\_\_\_\_\_

Nível Académico\_\_\_\_\_

Profissão\_\_\_\_\_

Estado Civil\_\_\_\_\_

Religião\_\_\_\_\_

**Data**...../...../2012

## Guião de Entrevista

### 1. Perfil social

- Sexo
- Idade
- Nível Académico
- Profissão
- Professa alguma religião

### 2. História de Vida

- Como descobriu que é homossexual?
- Com que idade?
- Como se sentiu por ter uma orientação sexual diferente da maioria?
- Contou para alguém?
  - Se sim, como essa pessoa reagiu?
  - Se não, porquê?
- O facto de seres homossexual, consideras algo biológico ou uma escolha?
- No teu dia-a-dia revelas-te como homossexual?
  - Se não, porquê?
- Já recebeu ou recebe um nome pejorativo por ser homossexual?
  - Se sim, como reagiu ou reage?
- Sofre algum tipo de preconceito ou Sentiu-se marginalizado por revelar a sua identidade?
  - Se sim, como tem reagido a essa situação?

### **3. Espaços de Sociabilidade**

#### **3.1. Família**

- Como a tua família reage face a sua orientação sexual?
- Ela aceita a sua escolha? Se não porquê?
- Sente-se marginalizado por não aceitarem a sua identidade?
- Já foi estigmatizado e colocado a margem em convívios familiares?
  - Se sim, o que fez ou faz para superar essa situação?
- A omissão da identidade é para si uma estratégia para superar o estigma?

#### **3.2. Igreja**

- Sendo a igreja uma instituição que repudia a homossexualidade, qual é a sua percepção sobre este facto?
- Revelas a sua identidade na igreja?
  - Se não, porque?
  - Se sim, como a igreja age, e como você reage a possíveis actos de estigmatização?

#### **3.3. Na Escola**

- Como é a relação com os teus colegas, professores, etc. No ambiente escolar?
- Qual é o perfil de estudantes que fazes amizades?
- É estigmatizado pelos teus colegas?
- Que táticas usa para lidar com o estigma?



### **3.4 No trabalho**

- Já perdeu uma vaga de emprego por ser homossexual?
  - Se sim, como reagiu?
- Nos concursos posteriores, omitiu a sua identidade para conseguir o emprego?
- No teu trabalho actual, omite ou revelas a tua identidade?
  - Se omite, porquê?
  - Se revela, como é que supera ou que mecanismos usa para contrapor o estigma?

### **4. Grupo de identificação**

- A identidade gay é um critério fundamental para ti inserires num grupo de par ou maior?
- Quais as vantagens de pertencer a um grupo com o qual te identificas?
- A integração num grupo de pertença constitui uma estratégia para superar o estigma?
- A pertença ao grupo fortalece a sua identidade?
  - Se sim, em que medida?
  - Se não, Porquê?
- Quais as actividades que desenvolvem no grupo?
- Qual é a percepção do grupo sobre o estigma e a marginalização?
- Que espaços de divertimento frequentas?
- São espaços explicitamente gays?
- Que papel estes espaços desempenham na formação da sua identidade?

## Anexo 2

### Dados sócio-demográfico

Tabela 1: Distribuição dos Entrevistados por Sexo

<b>Sexo</b>	<b>Nº de Entrevistados</b>
Masculino	10
Feminino	10
<b>Total</b>	<b>20</b>

Tabela 2: Distribuição dos Entrevistados por Idade

Idade	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
18-22	5	5	10
22-26	4	5	9
26-30	1	0	1
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>20</b>

Tabela 3: Distribuição dos Entrevistados pelo Nível de Escolaridade

Nível Académico	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Básico	2	4	6
Médio	7	5	12
Bacharelato	1	0	1
Licenciatura	0	1	1
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>20</b>

Tabela 4: Distribuição dos Entrevistados por Profissões

Profissão	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Estudante	8	8	16
Professor de Dança	1	0	1
Balconista	1	0	1
Bailarina	0	1	1
Contabilista	0	1	1
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>20</b>

Tabela 5: Distribuição dos Entrevistados pelo Estado Civil

Estado Civil	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Solteiro	9	10	19
União marital	1	0	1
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>20</b>

Tabela 6: Distribuição dos Entrevistados por Religião

Religião	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Católica	5	6	11
Evangélica	2	2	4
Não professa nenhuma	2	2	4
Muçulmana	1	0	1
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>20</b>

Tabela 7: Distribuição dos Entrevistados por Bairro de residência

Residência	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Central	2	0	2
Maxaquene	2	0	2
Malhazine	1	0	1
Alto-maé	3	0	3
Ferroviano	1	2	3
Cidade da Matola	1	1	2
Malhangalene	0	4	4
Polana	0	1	1
Cimento	0	1	1
Coop	0	2	2
Total	10	10	20